



teológica

“ORDENAÇÃO”

Ano I
Número 2
Julho
1966

Sentido de Ordenação no Velho Testamento

FREDERICO VITOLS

Desde a gênese do mundo, Deus estabeleceu a ordem nas coisas criadas e precisou a sua função e finalidade. Deus e terra na compreensão do Universo. Água e porção seca na gestação da Terra. Corpos inorgânicos e corpos orgânicos na textura da natureza. Barro e espírito na formação da alma vivente. Homem e mulher na criação da raça. Atos lícitos e atos ilícitos no domínio da lei. Juizes e reis no governo do Estado. Deveres sagrados e deveres civis na ordem social. Sacerdotes e levitas no campo da religião. Profetas e homens de Deus na revelação divina.

Em toda a parte do Velho Testamento vê-se o rigor e a exatidão com que são tratadas áreas, as mais variadas. Interessa-nos, também, conhecer o ponto de vista do Velho Testamento no que se refere ao “sentido de ordenação”. Como porém, a palavra, ordenação se relaciona com o espírito latino, é necessário achar o seu correspondente em hebraico. A idéia hebraica, que lhe corresponde, é a que está traduzida por “consagração”⁽¹⁾ e “unção”⁽²⁾. Havendo,

entretanto, várias palavras hebraicas que traduzem a mesma idéia, é necessário que examinemos uma por uma e descubramos o seu sentido e a sua aplicação. São oito os vocábulos hebraicos. Todos eles verbos.

Definição e análise dos vocábulos.

1 — *Mashah* (ungir). Aparece no V. T., com as suas várias formas, cerca de 128 vezes; e é verbo coeso na sua tradução: ungir, ungido, unção.

O ceremonial da unção surgiu oficialmente no V. T. com a constituição do povo hebreu em nação organizada, quando recebeu a sua “Constituição”, e cuja síntese está no Decálogo. Com advento do plano organizado de governo, vieram os titulares; e estes, por sua vez, se integravam nos mesmos, mediante o ato da unção (Ex. 28:41; ISam. 9:16 etc.). O rito da unção era antigo e geral; praticado pelos povos vizinhos e reconhecido pelo Israel (I R. 19:15 Is. 45:1). Jacó, já o praticara quando ungiu a coluna de Betel — ato, com que declarou a presença de Deus — chamou o lugar: “ca-

1) Ex. 19:22; 29:9; Lev. 8:33

2) I Sam. 10:1

sa de Deus”, e cultuou-o com seus votos (Gen. 28:18-22; 31:13).

No V. T. ungia-se tudo e todos que promoviam a justiça e a santidade do povo de Deus. Eram ungidos objetos,⁽³⁾ sacerdotes,⁽⁴⁾ levitas,⁽⁵⁾ anciãos,⁽⁶⁾ líderes,⁽⁷⁾ reis⁽⁸⁾ e profetas.⁽⁹⁾ Em alguns casos a unção dava-se por metáforas.

Havia, porém, uma cláusula rigorosa a respeito da unção. Os objetos e pessoas dedicadas ao serviço do tabernáculo, somente, podiam ser ungidas mediante o óleo sagrado, especialmente preparado para esse fim (Ex. 30:23-31). Caso alguém usasse o óleo sagrado em unções estranhas, sofreria a penalidade de ser extirpado do povo (Ex. 30:33). Cabia aos levitas, da casa de Eleazar, zelar pela sua segurança (Num. 4:16).

Outros tipos de unção.

Em Zacarias 4:16, lê-se: “...ungidos do Senhor”. A expressão é metafórica. A tradução mais literal de “*ben-hayyatshar*” seria: “filhos do azeite” ou “os que brilham”.

O verbo *suk* (ungir) aparece nove vezes no V. T., mas a sua unção se refere ao uso cosmético e

medicinal de azeite (Rut. 3:3 e II Cr. 28:15).

Metáforas.

A unção no V. T., em alguns casos, se expressa por metáforas. Usando para isso palavras: óleo,⁽¹⁰⁾ espírito,⁽¹¹⁾ mãos⁽¹²⁾ e capa;⁽¹³⁾ conforme a pessoa, cargo e missão do ungido.

Com o passar do tempo, parece, que o sumo sacerdote tomava posse, não por meio da unção, mas por meio de “juramento”.⁽¹⁴⁾ Isso — no dizer dos judeus — para obrigá-lo a cumprir os costumes estabelecidos (Heb. 7:28).

Penetração.

A primeira pessoa ungida com óleo sagrado (símbolo do Espírito Santo) foi Arão, o protótipo de Cristo; e a última pessoa é o “Ungido do Senhor”, o Cristo profético (Dan. 9:24, 26).

Nôvo Testamento. No N. T. a unção sagrada se identifica com a descida do Espírito Santo, sobre a pessoa de Cristo, por ocasião de seu batismo (Mt. 3:16, 17).

O verbo hebraico *mashah* é traduzido para o grego coinê do N.T. por *chriô* e aparece em Lc. 4:18; At. 4:27; 10:38; II Cor. 1:21; Heb. 1:9.

3) Lev. 8:10

4) Ex. 28:41; 27:7; 40:13; Lev. 8:12

5) Num. 8:7-17

6) Num. 11:16-25

7) Num. 27:18-23

8) I Sam. 9:16; I R. 1:34, 39

9) I R. 19:16

10) Gen. 28:18; Zac. 4:16

11) Num. 11:25

12) Num. 27:23

13) I R. 19:19

14) Mishna, Yoma, I.5

2 — *Mala* (encher). Aparece cerca de 374 vezes no V. T. É um verbo versátil, pois é traduzido em 16 diferentes sentidos. O conceito: consagrar, consagração, e engaste, vem em 33 lugares. É expresso, êste conceito, especialmente por uma locução verbal idiornática *mala-yad* (encher a mão) que em piel (*mille-yad*) significa: privilégio, imposição, dever, ordenar, rito. O verbo substantivo, na forma masculina plural, *Milluim*, refere-se, apenas, a cousas dedicadas (consagradas) a qualquer finalidade.

Ao estudar as várias idéias do verbo *mala* e, particularmente de *mille-yad* (consagrar, ordenar), nunca se deve esquecer que a sua idéia básica é “encher”. Isso lançará muita luz na interpretação exata do sentido.

3 — *Qadash*, santificar, consagrar, dedicar, separar. É o verbo que tratando-se de “consagrar” — mais ocorre no V. T., cerca de 430 vezes. E mantém uma idéia interpretativa coesa; quase sempre, se traduz com o mesmo sentido.

Entretanto, alguns, como Baudissin, ⁽¹⁵⁾ sustentam que a idéia fundamental de *qadash* é “separar”. Outros, porém divergem.

A natureza do verbo *qadash* envolve mais estado que ato. Refere-se tanto a pessoas como a objetos. Intrínseco, é de efeito imanente ⁽¹⁶⁾

e irreversível ⁽¹⁷⁾ (salvo, por cláusula especial). Quando é substantivo, significa “santo” e identifica-se com Deus ⁽¹⁸⁾. Estabelece princípios, ⁽¹⁹⁾ cria direitos ⁽²⁰⁾ e obrigações ⁽²¹⁾.

Quando o *qadash* (consagrar) vem junto com o *mashah* (ungir), dá-se a ordenação de sacerdotes. E quando o *qadash* vem sozinho, dá-se uma simples consagração de uma cousa a Deus, sem qualquer outro rito; como na dedicação do templo de Salomão, cujo ato de consagração consistia, apenas, numa oração dedicatória e uma benção em adição aos sacrifícios (I R. 8:15 e. d.)

A diferença entre o verbo *qadash* (consagrar) e o verbo *Mille-yad* (consagrar) é sutil. Nêste, um privilégio é acrescentado à pessoa; naquêle, uma graça é assimilada ao eleito.

4 — *Nazar* (em nifal), abster-se, separar-se, devotar-se; (em hifil) consagrar. A forma substantivada, *nezir* é traduzida por coroa, nazireado, nazir. Ocorre 34 vêzes no V. T.

As palavras: nazireado, consagração, separação, identificam-se entre si. Onde a VA usa nazireado a KJV usa separação e a RSV — consagração. *Nazar* refere-se, especialmente, a nazireus, pessoas que tomam voto; voto que envolve uma disciplina férrea nos hábitos

¹⁵⁾ The Interpreter's Dictionary of the Bible. pg. 676 — 1962

¹⁶⁾ Lev. 6:18, 27; Num. 16:37 etc.

¹⁷⁾ Lev. 27:15; Num. 16:38 etc.

¹⁸⁾ Lev. 11:44; 21:8; II R. 19:22; Sal. 71:22; Is. 1:4 etc.

¹⁹⁾ Gen. 2:3

²⁰⁾ Ex. 29:1

²¹⁾ Lev. 20:7

de comer⁽²²⁾ e no modo de tratar o próprio físico.⁽²³⁾ Nada tem, porém, o *nazar* com a consagração própria dita; a não ser, que se refira a uma peça destinada — lâmina de ouro — para ser “coroa” (*nezzer*) sagrada, com os dizeres: “Santidade ao Senhor”,⁽²⁴⁾ na mitra do sumo-sacerdote. Por ser peça devotada e ungida com óleo sagrado, tornou-se santa e intocável. Foi por esta razão que Davi mandou executar o amalequita que tocou na “coroa” (*nezzer*) de Saul ungida e santa.⁽²⁵⁾ Pela mesma razão Davi, também, não tocou na coroa de Saul no deserto de Zife (I Sam. 26:11).

5 — *Hanak*, iniciar, consagrar, ensinar. Aparece 16 vezes no VT. Como verbo 5, e como substantivo 11 vezes.

O que a VA traduz por consagrar e ensinar, as versões KJV e RSV traduzem por dedicar e treinar.

Igual ao verbo *nazar*, não se relaciona diretamente com a ordenação de sacerdotes; se não, indiretamente, por meio de objetos consagrados⁽²⁶⁾ a serviço do tabernáculo, os quais ungidos, tornam-se santos. Comumente o verbo *hanak* significa dedicação de qualquer objeto, para qualquer finali-

dade, sejam casas particulares,⁽²⁷⁾ sejam muros de Jerusalém⁽²⁸⁾ ou imagens de reis.⁽²⁹⁾ *Hanak* é uma consagração que ensina mais a dar do que receber. É o verbo do segundo passo.⁽³⁰⁾

Para Fleiseher,⁽³¹⁾ o verbo *hanak* é originário do ato, “limpar a garganta” de uma criança recém-nascida — meio de purificação — para capacitá-la à participação do leite materno. Daí, a sua aplicação a qualquer ato que expresse iniciação.

Os guerreiros “consagrados” (dos mais capazes) de Ge. 14:14 são chamados de *hanik*; eram homens que possuíam um bom início — treino de guerra. Onde, provavelmente vem o Prov. 22:6, “Ensina (treina) o menino...”

6 — *Haram*, destruir, amaldiçoar, separar, consagrar, dedicar. O verbo e a sua forma substantiva, *herem*, ocorrem 90 vezes no V.T. e, a idéia que prevalece, é a de “destruição” (46 vezes).

Um objeto, animal ou pessoa separada do ambiente comum e entregue como oferta santa a Deus, para ser destruído em expiação, é *herem*. Corresponde ao grego *anátema*: “uma coisa dedicada a Deus sob maldição” (Deut. 7:26). Assim, como se usa a palavra *qadesh*

22) Num. 6:3

23) Num. 6:5

24) Ex. 39:30, 31

25) II Sam. 1:10

26) Num. 7:10

27) Deut. 20:5

28) Neem 12:27

29) Dan. 3:2, 3

30) Deut. 20:5

31) Levy Fleischer, “Neuchebr. Woerterb” II.206

(santificação) em relação a coisas positivas, consagradas a Deus, do mesmo modo, se usa a palavra *herem* (destruição) em relação a coisas negativas, consagradas a Deus. Os objetos — ofertas consagradas (*herem*) — quando não são queimadas, passam para o uso dos sacerdotes.⁽³²⁾ Campos consagrados (*herem*), tornam-se possessões inalienáveis dos sacerdotes.⁽³³⁾ Pessoas consagradas (*herem*) devem ser mortas.⁽³⁴⁾ Cidades *herem*, são arrasadas e nunca mais reconstruídas.⁽³⁵⁾ Povos e nações *herem* sofrem o extermínio completo. ⁽³⁶⁾ Tudo isso, para preservar o povo de Deus da idolatria e da corrupção moral.

Depois do Exílio, o *herem* se suavizou. Confinou-se à exclusão do culpado da comunidade e ao confisco de seus bens. Mais tarde com ligeiras alterações, o *herem* se incorporou ao Novo Testamento.⁽³⁷⁾

A palavra *herem* não entra na ordenação dos servos de Deus. A não ser, para funcionar, profeticamente, como elemento de exclusão, para uma porção deles, que envergonham a causa de Deus.

Resumo dos verbos que tratam da consagração no Velho Testamento.

— O verbo *mashah* (ungir) é um verbo de “promoção”. Transforma plebeus em reis.

— O verbo *mille-yad* (encher a mão) é um verbo de “riquezas”. Enche a vida de privilégios e bens — a própria e a dos outros.

— O verbo *qadash* (santificar) é um verbo de “estado”. Santifica e santifica-se.

— O verbo *nazar* (devotar) é um verbo de “compromisso”. Compromete-se os votos e os compromissos assumidos.

— O verbo *hanak* (consagrar) é um verbo de “continuação”. Ensina a dar o segundo passo; dar mais.

— O verbo *haram* (destruir) é um verbo de “fogo”. Ação profetizada — queimar tudo o que for prejudicial.

Ordenação

A fórmula completa da ordenação de sacerdotes no Velho Testamento compreende a ação conjunta de três verbos: *mashahta* (ungirás), *milleta-yad* (capacitarás — ordenarás) e *qiddashta* (consagrarás) “...e os ungirás, capacitarás e consagrarás” (Ex. 28:14).

Ungirás é um beneplácito de Deus de que o homem foi aceito para a missão. (Imposição das mãos)

Capacitarás é o “encher a mão” do ungido com recursos necessários para a missão. (Entrega da Bíblia)

32) Num. 18:14; Deut. 13:16-17

33) Lev. 27:21

34) Lev. 27:29

35) Deut. 13:16

36) Jos. 11:12

37) Mat. 18:17; João 9:22; I Cor. 5:3-5 etc.

Consagrarás é a declaração de que o unguido é separado (santificado) para a obra santa do Senhor. (Oração da consagração)

Ritual de Ordenação. (Ex. 29 e Lev. 8)

— Postam-se Arão e seus filhos à porta da tenda da consagração (Ex. 29:4 e Lev. 8:3). — São lavados com água (Ex. 29:4 Lev. 8:6). — Abrão veste a roupa pontifical (Ex. 29:5-6 e Lev. 8:7-9). — O óleo sagrado é derramado sobre a cabeça de Arão. É a unção — a primeira unção de Arão, unção do sumo sacerdote (Ex. 29:7 e Lev. 8:12). Chegam os filhos de Arão e são vestidos de roupas sacerdotais (Ex. 29:8-9 e Lev. 8:13). — Moisés com o sangue do cordeiro toca o lóbulo da orelha direita e os polegares da mão direita e do pé direito de Arão e de seus filhos (Ex. 29:20 e Lev. 8:23-24. — Toma o sangue do altar e o óleo sagrado e o esparge sobre Arão e sobre seus filhos. É a unção de sacerdotes — e é a segunda de Arão, como de simples sacerdote (Ex. 29:21 e Lv. 8:30). — “As mãos cheias de Arão” (Ex. 29:24). (Todos esses atos, ainda, são entremeados de imolações várias, ofertas movidas, unção do tabernáculo, do altar etc.)

— Sete dias de reclusão. Por sete dias ficam restritos à área à porta da tenda da congregação. Não podem sair. Durante este período repetem-se as pragmáticas prescritas. Terminando o ciclo da reclusão, completa-se a ordenação (Ex. 29:30-37 e Lev. 8:33-35).

Sangue é o símbolo de vida; óleo sagrado, o símbolo do Espírito Santo.

Outras Ordenações

Em geral, o segundo verbo *mille-yad*, (encher a mão), está omissa, embora seja subentendido (Lev. 8:12). Os dois verbos presentes: *mashah* (ungir) e *qadash* (consagrar) são inseparáveis e nêles se define a beleza da ordenação: “unção” — uma ordem divina exaltando o homem; “consagração” — um estado humano glorificando a Deus.

Embora não se mencionasse, diretamente, a unção em Ex. 19:22, tudo indica que a mesma se dera anteriormente, no ato da ordenação que, sem dúvida alguma era do tipo a que aplicara Jacó, à coluna de Betel, por ocasião de sua fuga para Padã-Arã (Gen. 28:18-22; 31:3). O que se pede em Ex. 19:22, é uma espécie de reconsagração — santificação.

Havia, porém, uma *ordenação espúria* de sacerdotes postiços, onde não havia nem unção (*mashah*) nem consagração (*qadesh*) de espécie alguma. Operava, apenas, o verbo *malle-yad* (encher, a mão) que os capacitava (ordenava) como sacerdotes (I R. 13:33). O *malle-yad* nestas ordenações espúrias consistia em oferecer um novilho e sete carneiros (II Cr. 13:9).

Na *ordenação dos profetas*, os mesmos recebiam sua investidura diretamente de Deus (Is. 6:8-9; 61:1). Eram ungidos, porém, em certos e determinados casos, quando, além, da sua missão específica, deviam exercer um outro mister, como no caso de Eliseu que, além

da missão de profeta, recebeu a ordem de matar (I. R. 19:16-17). O texto, todavia, nos faz supor que a unção de Eliseu não se deu por meio do óleo, mas sim, por meio de imposição da capa de Elias sobre ele (I. R. 19:19). Ato, que se relaciona com a imposição das mãos sobre os levitas e Josué (Num. 8:10; 27:18).

Na *ordenação dos reis*, apenas, aparece o verbo *mashah* (ungir). A vida espiritual desses “ungidos do Senhor” de um verbo só, não raro, descia ao nível sub-normal. Faltavam-lhes o *qodesh* (consagração-santidade). É o caso de Saul.⁽³⁸⁾

Na *ordenação dos levitas*, o símbolo da unção está no ato de “impor as mãos” e a consagração no verbo *qadash*.

Na *ordenação dos setenta anciãos*, o símbolo da unção está no ato de “impor o espírito” e a consagração no “profetismo deles”⁽⁴⁰⁾

Na *ordenação de Josué*, o símbolo da unção está no ato de “impor as mãos” e a consagração nas palavras: “o homem em quem está o meu espírito”.⁽⁴¹⁾

Na *ordenação dos nazireus* não havia unção, nem durabilidade de missão. Consistia o nazireado de um voto, de “oferta a Deus”, para alcançar um fim qualquer, justo; e de viver durante o nazireado de acordo com as prescrições de Num. 6:1-21. Tomava e entregava o seu voto à porta da tenda da

congregação. Terminado o voto, voltava a ser o que era dantes.

Como o V. T. não estabelece a duração do tempo para nazireado a Mishna resolveu o assunto, estabelecendo que um tempo, o comum, seria de 30 dias, o outro, de 60, e o especial ia até 100 dias. O caso de Sansão e Samuel que eram nazireus por toda a vida, entende-se quando se sabe que não foram eles que tomaram o voto. Foram as suas mães estéreis (Jz. 13:3; ISam. 1:2,11). Cresceram, e Deus lhes confiou o juízo de Israel. Samuel, além de Juiz, ainda era sacerdote e profeta.

Implicações

1 — Para serem ordenados, os sacerdotes deviam preencher as seguintes condições físico-sócio-morais (Lev. 21:10-21):

— Ser descendente de Arão (Ex. 28:1) (Receber a chamada de Jesus Cristo).

— Não desgrenhar o cabelo; (Não ser do “iê, iê”)

— Isento de manchas no corpo; (Moral limpa).

— Não ser cego; (Ter preparo).

— Não ser coxo; (Firme na doutrina).

— Não ter nariz chato (rosto deformado); (Ser agradável).

— Não ter membros compridos demais; (Não passar dos limites).

— Não ter pé quebrado; (Andar honestamente).

— Não ter mão quebrada; (Prestativo).

38) I Sam. 9:6; 15:23

39) Num. 8:10-17

40) Num. 11:25

41) Num. 27:18, 23

— Não ser corcovado; (Não manhoso).

— Não ser anão; (Não mesquinho).

— Não ter belida no olho; (Visão clara).

— Não ter sarna; (Pacífico).

— Não ter impingens; (Não “fofoqueiro”).

— Não ter testículo quebrado; (Marido de uma só mulher).

— Não casar com repudiada; (Não amar heresias).

— Casar com virgem; (Amar a igreja).

— Lavar as vestes (Num. 19:10); (Santificar-se).

— Vestir vestes santas (Ex. 40:13); (Salvo por Cristo crucificado).

— “Ninguém... em quem houver algum defeito se chegara... para oferecer... o pão do seu Deus” (Lev. 21:21) (Ninguém com êstes defeitos poderá ser consagrado ao Santo Ministério).

2 — Deveres a exercer: — Cuidar do santuário e do altar (Num. 16:40; 18:5).

— Consultar a Deus mediante Urim e Tumim — somente pelo sumo sacerdote (Ex. 38:30).

— Ensinar ao povo os estatutos do Senhor (Lev. 10:11; II Cr. 15:3).

— Zelar pelo fogo do altar que não se apague (Lev. 6:12, 13).

— Providenciar o azeite para que a lâmpada esteja acesa continuamente (Ex. 27:20, 21). Ofertar diariamente dois carneiros, um

pela manhã e outro à tarde (Ex. 29:38-42). — Abençoar o povo (Num. 6:22-27).

— Ter os levitas a serviço do tabernáculo (Num. 8:19).

— Servir como juizes nos casos difíceis (Deut. 17:8 13). E mais outros.

3 — Receber os seguintes emolumentos para a sua manutenção: — O dízimo dos dízimos (Num. 18:26-28). — Os dízimos especiais (Deut. 14:28). — As cousas consagradoras (herem) (Num. 18:14). — Os primeiros frutos de tudo; os primogênitos e o preço de resgate pelos primogênitos homens (Num. 18:12-17.) — Partes especiais das ofertas queimadas (Num. 18:18). — As ofertas sangradas (Num. 18:19; Lev. 7:7-10; 10:12:15). — O preço de resgate dos votos (Lev. 27). — Parte dos despojos de guerra (Num. 31:25-47) etc.

Conclusão

O sentido de ordenação no V.T. é de natureza teocrática e legal. No ministério sagrado, a ordenação compreende uma ação conjunta de três verbos: ungir, capacitar e consagrar. *Ungido* — quando a pessoa é reconhecida oficialmente investida no cargo e recebe a autoridade; *capacitado* — quando lhe são providenciados os recursos necessários para poder produzir *consagrado* — quando é revestido de graça divina para exercer o ministério de santificação.

Abreviações:

VA (Versão — Ed — Revista e Atualizada).

KJV (King James's Version).

RSV (Revised Standard Version).

B I B L I O G R A F I A

B'blías:

T. M. Rud Kittel; LXX; Vulgata; RSV; KJV; VA (Ed. Rev. At.); e outras.

Concordâncias:

Mandelkern Conc. Hebr. — Chald.
 Englishman's Hebr. — Chald. Conc.
 Analyt. Conc. of the B. R. Young.

Enciclopédias:

The Inter. St. B. Enc. Eerdmans.
 The new Schaff-Herzog Enc. Baker.
 The Jewish Enc.
 The Interp. Dict. of the B.
 The Interp. St. B. Enc.
 Cycl. of the Biblical Lit. J. Kitto.

Comentários e Obras:

The Pen. and Haft. — J. H. Hertz.
 The Interpreter's Bible — Abingdon.
 The Expositor's Bible — W. R. Nicoll.
 The Religious Ideas of the Old Test. — W. W. Robinson.
 Ancient Israel — R. de Vaux.
 The Fait of Israel — H. H. Rowley.
 Dieva Svet. Nosl. V. D. — J. B. Cargel.

Ordenação no Nôvo Testamento

BERTOLDO GATZ

INTRODUÇÃO

A palavra *ordenação* tem sua origem no termo latino *ordinare*, que significa “colocar em ordem, arranjar”. No latim post-augustiano, já encontramos referência sobre o uso da palavra no sentido de “ungir cerimonialmente para o ofício sacerdotal ou ministerial” ou “conferir ordens religiosas”.

Em inglês na AV as palavras *ordain* e *ordination* traduzem 11 palavras hebraicas ou aramaicas no Velho Testamento e 21 palavras gregas no Nôvo Testamento. Dentro do escôpo dêste trabalho, estudaremos apenas as palavras que ocorrem no Nôvo Testamento e apenas aquelas que se relacionam com a idéia de *ordenação* no sentido de cerimonial e iniciação no ministério.

Nunca aparece um substantivo que corresponda aos verbos relacionados a *ordenação*, em grego.

I — PALAVRAS GREGAS RELACIONADAS COM ORDENAÇÃO

1. *cheirotónéo* — Esta palavra é usada apenas duas vezes no Nôvo Testamento (At 14:23 e II Cor 8:19). A palavra ori-

gina-se em *cheirotónos* (estendendo a mão), que por sua vez deriva de *cheir* + *teíno*. O uso desta palavra é levantar a mão votando ou eleger com a indicação da mão. Foi desta maneira que as igrejas escolheram os representantes para acompanharem Paulo, trazendo para Jerusalém as ofertas (II Cor 8:19). Já na Licaônia e Pisídia os presbíteros não são escolhidos pela congregação mas por Paulo e Barnabé (Atos 14:23). Necessariamente o sentido do verbo não implica em uma escolha por um grupo e nem mesmo em cerimonial.

2. *kathístemi* — O verbo significa estabelecer, ordenar, encarregar, constituir. Em Tito 1:5 o sentido é de indicar alguém para administrar certo trabalho. No caso Tito constituido para ordenar presbíteros por onde passasse. O mesmo sentido encontramos em Mat 12:14, Atos 7:10, 27, 35, Heb 5:1, 7:28 e 8:3.
3. *poiéo* — Entre os múltiplos usos dêste verbo está o de “apontar ou constituir alguém (At 2:36 e Ap 5:10). Em Heb 3:2 alguns querem en-

contrar o mesmo sentido, embora não haja acôrdo quanto ao mesmo. Em Mar 3:14 é usado no sentido de designar e ordenar.

4. *chío* — Querem alguns que este verbo tenha relação com *cheir* (mão). O seu sentido original é de “tocar com a mão”. O substantivo correspondente é *chrísma*. *chrístós* possui a mesma raiz bem como *christianós* (cristãos). No Nôvo Testamento *chrio* sempre se refere a um ato divino. Em Lu 4:18 (cf. Is 6:31), Atos 4:27, Atos 10:38 e Heb 1:9, temos referência a unção de Jesus como Messias. Em II Cor 1:21 aparece o sentido figurado de unção, relacionado com os dons do Espírito Santo dado aos cristão. O substantivo *chrísma* aparece apenas duas vêzes (I João 2:20 e 2:27) também com o sentido de unção vinda de Deus.

5. *airetizo* — O sentido desta palavra é escolher. Deriva de *airéo* que significa “tomar”. É usada várias vêzes na Septuaginta, mas aparece apenas uma vez no Nôvo Testamento em Mat. 12:18 (cf. Is 42:1), em relação à pessoa de Jesus: “Eis aqui o meu servo que escolhi...”

6. *eklégo* — O sentido fundamental do verbo é “tirar, escolher”. É usado em outros sentidos inúmeras vêzes. Com relação à escolha dos discípulos (João 6:70, 13:18, 15:19,

Lucas 6:13, Atos 1:2 etc.)*

Refere-se a Jesus em Lucas 9:35. É usado em Lucas 10:42, referindo-se à melhor parte escolhida por Maria. Em Lucas 14:7 refere-se à escolha dos primeiros lugares. Refere-se a escolha de pessoas para certos trabalhos em Atos 6:5 (Estevam e os 6), Atos 1:24 (Matias), Atos 15:22, 25 (escolha de companheiros para Paulo e Barnabé na viagem para a Antioquia). Em Atos 13:17 refere-se à escolha dos Israelitas como um povo privilegiado e em Mar 13:20, I Cor 1:27 e Ef 1:4 à eleição dos cristãos.

7. *prosfonéo* — Significa “chamar a”. Este verbo é pouco usado no Nôvo Testamento. É usado em Lucas 6:13 quando Jesus chamou os seus discípulos, não havendo nêle qualquer idéia de um encargo especial como decorrência da chamada.

8. *tithemi* — Entre os vários usos do verbo está o que se relaciona ao escôpo deste trabalho: “colocados” ou “designados”. Aparece uma vez em João 15:16, quando Jesus diz ter escolhidos os seus discípulos para que dessem fruto. Outra vez é usado em I Tím 2:7, quando Paulo afirma ter sido constituído pregador e apóstolo.

9. *epitithemi* — A idéia original desta palavra é “colocar ou

descansar sôbre”. Quando o verbo é usado com o substantivo *cheir* (mão) é traduzido no seu sentido cerimonial “impor as mãos”. São muitas as evidências do uso cerimonial dêste verbo como segue:

- a) impor as mãos em casos de cura: Mar 8:25, 16:18, Lucas 4:40, 13:13, At 28:8, 9:12
- b) impor as mãos para ressurreição: Mat 9:18, Mar 5:23
- c) impor as mãos na despedida: At 13:3
- d) impor as mãos para abençoar: Mat 19:13,15
- e) impor as mãos para introduzir uma pessoa num trabalho especial: At 6:6
- f) impor mãos para dar o Espírito Santo: At 8:17, 9:17, 19:6
- g) impor as mãos para o ministério: I Tim 4:14, 5:22, II Tim 1:6

II — IMPOSIÇÃO DE MÃOS

Em Atos 6:6 temos o primeiro caso de imposição de mãos na igreja apostólica. Não há dúvidas quanto a prática já entre os judeus (Num 27:18, Deut 34:9). O constante uso desta prática pelo Senhor foi o suficiente para recomendá-la. Tornou-se também o sinal exterior e visível da concessão dos dons do Espírito (Atos 8:15). Cada nôvo convertido era instruído nesta prática como sendo parte dos mais elementares ensinamentos da fé (Heb 6:2). Que o

ato era um símbolo de graça era evidente nas palavras de Paulo quando lembra Timóteo sôbre o que recebeu pela imposição de mãos (I Tim 4:14 e II Tim 1:6). Atos 8:15, 17 é uma prova que não era um mero ato dissociado da oração. G. Holtzmann faz distinção entre a imposição de mãos em Atos 6:6; 8:17 e 19:6. Na primeira passagem tem tanto valor quanto o ato de se ordenar um rabi, pois os 7 já haviam recebido o Espírito Santo. No fato da imposição de mãos aos 7, temos pela primeira vez esta prática relacionada com a designação para um trabalho especial, tendo como objeto principal Estevam.

III — UNÇÃO

A unção é costume muito antigo, datando de 4200 a.C., conforme alguns comentadores. Os judeus praticaram a unção durante vários séculos e era costume praticado nos tempos de Jesus. A unção era realizada com óleo, ungentos, especiarias, etc. Os usos da unção são os mais diversos: unção de pessoas, objetos, hóspedes, doentes, mortos, etc.

De todos os cerimoniais da unção perduram no Nôvo Testamento os seguintes: para cura (Mar 6:13, Lu 10:34, Tia 5:14), e no sentido figurado (II Cor 1:21 e I Jo 2:20,27).

No Velho Testamento a unção está também relacionada com a separação de pessoas para o trabalho religioso (Lev 4:3, Sal 133:2). Isto não ocorre nenhuma vez no Nôvo Testamento, razão porque

não podemos nunca relacionar entre os cristãos, a idéia de unção à idéia de ordenação.

IV — DIACONOS

O termo *diáconos* (diácono) aparece muitas vezes no Novo Testamento, bem como suas correlatas *huperetes* (servo) e *doúlos* (escravo). Pode-se dizer em linhas gerais que os termos significam indistintamente serviço prestado. De modo particular no Novo Testamento referem-se ao serviço prestado em um trabalho na Causa.

Convém indagar, quando e onde esses termos ocorrem em sentido técnico suficientemente definido, referindo-se a uma instituição de um trabalho eclesiástico especial, do qual o diaconato histórico pode ser derivado.

Muitos tem defendido o ponto de vista de que o diaconato teve sua instituição quando da escolha dos sete em Jerusalém, sendo esta idéia apoiada por muitos pais da igreja. Os sete, conforme lemos em Atos 6:3,4, foram escolhidos para "servir as mesas" (diaconeín trapézais) para que os apóstolos atendessem "de continuo a oração e ao ministério da palavra". Nesta passagem não temos o termo "diácono" e as qualidades exigidas dos sete não são as mesmas que Paulo prescreve em I Tim 3:8-12. Além disso Estevam aparece em Atos como um pregador proeminente e Felipe como um evangelista. É lógico portanto concluirmos que os sete

poderão ser tidos como os primeiros diáconos somente no sentido de terem servido como ajudantes dos doze dirigentes da igreja, e que serviram então de uma maneira especial aos pobres.

Em Rom 16:1 lemos "Recomendo-vos a nossa irmão Phebe, que está no serviço da igreja em Cencréia". Ao pé da letra a tradução seria "sendo também diácono (diaconiza) da igreja...". Por muitos é tomada esta passagem como a primeira evidência do diaconato instituído em uma igreja cristã. Paulo na realidade admite a posição de mulheres como diaconizas, mas impõe a condição para que não ensinem (I 2:12). O fato de que esta passagem está incluída entre as primeiras cartas de Paulo e nelas não existirem passagens que definam claramente o diaconato como cargo instituído, faz oposição a este argumento.

A outra passagem que é apontada está em Fil 1:1 na saudação: "Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos." Talvez esta passagem seja uma base segura para marcar o início do diaconato. Todavia a falta de melhor caracterização impossibilita qualquer afirmação sobre o assunto.

Em I Tim 3:8-12 temos minuciosamente caracterizado o diaconato. Por outro lado nesta passagem nada temos quanto ao tempo da instituição do cargo.

V — BISPOS, PRESBÍTEROS E PASTORES

As palavras gregas correspondentes são *episcopos*, *presbuteros* e *poimen*. Esta última aparece apenas uma vez no Nôvo Testamento, com o sentido de cargo eclesiástico em Ef 4:11. As duas primeiras ocorrem com muita frequência e com sentidos muitas vezes semelhantes no seu uso. Querem alguns que presbítero, diga respeito mais à idade e o lugar que ocupa na igreja e bispo refere-se propriamente ao seu trabalho.

As palavras *bispo* e *presbítero* nunca aparecem juntas como é o caso de "bispos e diáconos" (Fil 1:1), o que expressa de início a idéia, de que existe uso comum para *bispo* e *presbítero*, o mesmo não ocorrendo em *diácono*.

O trabalho do bispo é definido como *presidir* (Rom 12:8), *vigiar*

(Atos 2:17,28 e I Pe 5:2), *superintender* (I Tim 5:17), *ensinar* (I Tim 3:2). *desenvolver cuidados pastorais* (Tia 5:14).

Conclusão

A idéia de ordenação, no sentido de introduzir alguém no trabalho eclesiástico com atribuições definidas, é um tanto indefinida no Nôvo Testamento. Não encontramos perfeitamente caracterizados os cargos, nem pelo nome, nem pelas atribuições. Também não encontramos orientação quanto a escolha dos que devem realizar o trabalho, se indicados pela congregação ou indicados pelo apóstolo. Por outro lado a imposição de mãos nem sempre está relacionada com a ordenação, expressando antes a idéia de transmissão de bênção espiritual ou oração neste sentido.

BIBLIOGRAFIA

FRITZ RIENECHER — *Schprachlicher Schlusssel zum Griechischen Neuen Testament*, Bassel.

The Internacional Standart Bible Encyclopaedia.

ROBERTSON NICOLLS — *The Expositor's Greek Testament*

ARNT — *Greek English Lexicon of the New Testament*

ALFRED SHMOLLER — *Handkoakordanz zum Griechischen Nuen Testament*

HARPER — *The Analytical Greeck Lexicon*.

Ordenação, as Ordenanças e Imposição de Mãos

Djalma A. da Cunha e Silva

INTRODUÇÃO

Mão e Mãos

“Então disse Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; assim, para que não estenda a MÃO e tome também da árvore da vida e coma e viva eternamente...” É a primeira vez que a Bíblia menciona a palavra MÃO. A segunda, é ainda o Senhor, falando, quem diz: “És agora, pois, maldito por sôbre a terra, cuja bôca se abriu para receber de tuas MÃOS o sangue de teu irmão”. A terceira, é como segue: “Mas a pomba não achando onde pousar o pé, tornou a êle para a arca, porque as águas cobriam ainda a terra. Noé, estendendo a MÃO, tomou-a e a acolheu consigo na arca. “O quarto passo, é: “Pavor e medo de vós virão sôbre os animais da terra, sôbre tôdas as aves dos céus, tudo o que se move sôbre a terra e todos os peixe do mar nas vossas MÃOS serão entregues”.

Mãos e Símbolos

O emprêgo das mãos simbólica e ritualmente vem de priscas eras

entre os hebreus, uso que, como um legado, tornou-se herança do N.T.

Os quatro primeiros passos onde ocorre o emprêgo da mão, nos primeiros nove versos do Gênesis, são ao mesmo tempo, quatro diferentes símbolos.

A mão desempenha relevante papel no simbolismo empregado nas Sagradas Escrituras. *No primeiro exemplo citado, poder Adão estender a mão simboliza habilidade; no segundo, “receber de tuas mãos o sangue de teu irmão”, é símbolo de responsabilidade; no terceiro, “Noé estendendo a mão, tomou-a e a acolheu consigo na arca”, é símbolo de ação e no quarto passo: “... tudo ... nas vossas mãos serão entregues”, simboliza contrôle. É evidente.*

A sinédoque é figura constantemente aplicada no emprêgo das mãos pelas Escrituras. No caso de Caim, por exemplo, as mãos de que a terra tomava o sangue do fratricídio, é claro o tropo, pois não pode ser apenas aquela pequena parte do corpo que leva a culpa. Aliás, em justa e simples interpretação, a mão de Caim não tem qualquer culpa moral, que é

a suma culpa. Caim — o homem tódo, seus poderes morais de intelectualidade, volição e afetividade, servidos pela consciência, em suma, Caim mesmo, o homem moral, é o responsável. “As leis morais — diz Fleming, são derivadas da natureza e da vontade de Deus e o caráter e a condição do homem.” E Strong — donde tiramos a citação, continua: “A natureza de Deus está refletida nas leis de nossa natureza. Desde que a lei é lavrada na natureza do homem, o homem é uma lei para si mesmo. Conformar-se com sua própria natureza, em que a consciência é suprema, é conformar-se com a natureza de Deus. A lei é apenas a revelação dos princípios constitutivos do sêr, a declaração do que deve ser, tanto quanto o homem é homem e Deus é Deus. Com efeito: — continua Strong — se semelhante a Deus, aliás não podes ser verdadeiro homem.” (1) É por isto que o responsável é o próprio Caim. Suas mãos aparecem apenas como uma figura de linguagem, e assim devemos entender os outros casos. As mãos em si não têm mérito ou demérito moral, são meros instrumentos do simbolismo que representam.

À luz dêste multivário simbolismo, temos de entender a significação desta esquisita cerimônia: “Põe a tua mão debaixo da minha coxa, para que te faça jurar pelo Senhor Deus do céu e da terra, que não tomas espôsa para meu filho das filhas dos cananeus, en-

tre os quais habito”. (2) É evidente que a mão do servo sob a coxa do Patriarca, não revestia outro valor senão que objetivava fisicamente um compromisso moral que devia ser realizado com a fidelidade de uma pessoa responsável. O cumprimento do juramento ou o perjúrio, era uma questão moral e quiçá religiosa, que em nada afetaria a mão propriamente dita do servo de Abraão. É curiosa esta forma de juramento, que se repete apenas em 47:29. Segundo Teodoro, equivalia juramento pela circuncisão, sinal da aliança com Deus. (3)

Mãos e Propósitos

A Bíblia se utiliza de grande número de nomes de órgãos do corpo humano em sentido figurado: *olhos, ouvidos, coração, rins*, e de membros como *pernas, pés*, etc. Nenhum dêsses, contudo, é tomado em tão grande número como símbolo e em sentido tão variado, como a mão.

Verbi gratia:

Beijar a mão e fazer gesto de atirar o beijo a um astro — sol, lua, estrêla — expressava adoração, tal como ainda fazem hoje os católicos. (4) Thomaz Mann, figura José interrogando ao pai: “Devemos nós atirar beijos

2) Gn. 24:2-3.

3) Nacar-Colunda. A Bíblia Sagrada. *In loco*.

4) Jô, 31:26-27.

1) Strong. Theol. Syst. Vol. II. Pg. 539.

aos astros e celebrar-lhe as histórias?" (5)

Levantar a mão é jurar pedindo auxílio a Deus. (6)

É também abençoar. (7)

É gesto de coração sincero. (8)

A mão de Deus estendida,, é Seu eterno proposito e poder executivo. (9)

A mão aberta é bondade providencial. (10)

Mão ritual

A primeira vez que a mão é empregada ritualmente é em sentido vicário individual e não o é pelo sacerdote. (11)

Em sentido vicário coletivo. (12)

Na consagração da Arão como sumo sacerdote — é bom notar — ele impôs a mão sobre o novilho e os carneiros, mas Arão mesmo não recebeu imposição das mãos, e sim unção com óleo sobre a cabeça e sangue em diferentes partes do corpo e da roupa. (13)

Na consagração dos levitas como tribo sacerdotal, a imposição das mãos, foi um ato popular, em linguagem moderna, um ato democrático: "Os filhos de Israel porão as mãos sobre eles". (14)

I. ORDENAÇÃO

..Caldas Aulete, entre outros sentidos que dá de ordenação, diz: "Ação de ordenar ou conferir ordens eclesiásticas. "Este, na definição do mestre, é o sentido que mais se aproxima de nosso assunto, sem contudo, atingi-lo em cheio. Com efeito, ordenação eclesiástica significando poder ou autorização procedente de um grupo de homens para qualificação de alguém para o serviço divino, aos Batistas não tem maior sentido, do que a mão de Eliézer posta debaixo da coxa de Abraão.

Que é ordenação eclesiástica? É a imposição das mãos de um presbitério (conjunto de pastores, com exceção de diáconos, por isto que se trata de presbitério), sobre alguém para torná-lo ministro de Deus? A Bíblia nega base para tanto. "*Vade post me*".

A "The International Standard Bible Encyclopaedia", referindo-se ao verbete "*Ordain*", diz que a "Versão Autorizada" (Authorized Version, 1611), emprega "ordenar" para traduzir 11 palavras hebraicas, 21 gregas e 3 latinas. "Isto — acrescenta — é devido ao fato de que a palavra (*ordain*) tem vários matizes de significação (especialmente usados no tempo em que foi feita a "A. V.,").

Depois de dar em cinco secções diferentes os vários sentido de

5) "O Jovem José". Ed. Liv. do Globo. Rio de Janeiro. Pg. 82. Não confundir o escritor germano com o texano seu homônimo, ex-assistente do Sec. de Estado para a América Latina.

6) Gn. 14:22-24.

7) Lv. 9:22; Mc. 10:13,16.

8) II Rs. 10:15.

9) At. 4: 28,31.

10) Sl. 104. 28

11) Lv. 1:4.

12) Lv. 16:21.

13) Lv. 8:12,22-23.

14) Nú. 8:10.

"ordain", como segue: "Por em ordem", "Estabelecer", "Decretar", "Nomear", "Destinar cerimonialmente para o serviço ministerial ou sacerdotal", "Conferir ordens sacras", conclue: "Este último sentido técnico ou eclesiástico nunca é encontrado na versões inglesas. "De todos, continua êle, o mais aproximado é *separar* para uma função ou um dever, mas a idéia de separar formalmente ou cerimonialmente para uma função (preeminente em seu uso moderno), nunca está implicado na palavra."

Se entendemos por ordenação a determinação divina de escolher alguém e conferir-lhe um carisma para o desempenho de um ou vários misteres no serviço de Reino, podemos classificar na história dos Evangelhos e dos Atos, três passos distintos dessa determinação divina:

1.º: Qualificação dos apóstolos.

2.º: Qualificação de Saulo de Tarso.

3.º: Qualificação para o serviço especial de evangelista.

No primeiro caso a escolha e qualificação vêm de Jesus mesmo, nos dias de Sua carne: "Não fostes vós que me escolhestes; pelo contrário, eu vos escolhi e vos designei para que vades e deis frutos..." (15)

No segundo, foi ainda Jesus, depois de assunto ao céu: "...vai porque êste é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis..." (16)

No terceiro é o Espírito Santo Quem opera pessoalmente. O anjo do Senhor disse apenas: "Filipe... vai para a banda do sul... e êle foi", mas foi o Espírito Quem disse a Filipe: "Aproximate dêsse carro e acompanha-o". E o mesmo Espírito levou Filipe para Azoto, donde finalmente partiu evangelizando até Cesaréia. (17)

II. IMPOSIÇÃO DE MÃOS

Tomamos a liberdade de examinar aqui o terceiro elemento do assunto que nos foi pedido, por nos parecer mais cronológico e isento de qualquer prejuizo causado pela inversão da ordem.

No apostolado de Paulo, Ananias não lhe comunicou qualquer dom carismático pela imposição das mãos. Deu-lhe um recado de Jesus e impondo-lhe as mãos, Deus fêz cair dos olhos de Saulo "como que umas escamas e tornou a ver". Paulo mesmo recusa ser um apóstolo ordenado da parte dos homens, no caso os apóstolos em Jerusalém ou a Igreja em Antioquia da Síria, ou ainda "por intermédio de homem algum", que seria então Ananias de Damasco. (18) Aliás, assevera Paulo, que é apóstolo "por Jesus Cristo e por Deus, tal como afirma sua separação pré-natal para seu ministério, por Deus. (19) Assim, Paulo nega qualquer interferência na re-

15) Jo. 15:16.

16) At. 9:15.

17) At. 8:26-40.

18) Gl. 1:1.

19) Gl. 1:15.

cepção de seus dons pela formal imposição das mãos humanas.

O caso *sui generis* no Evangelho de João: o caso formal na transmissão do Espírito Santo. Jesus “soprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo”.

(20) É um ato sem precedentes e jamais foi repetido. Além disto, o dom não foi individual, mas conferido a todo o colégio apóstolico, à semelhança, neste particular, do sucesso pentecostal. Até aqui, nada de imposição de mãos.

Na era apostólica não se encontra uma vírgula, se quer, de ensino ou de prática de um rito externo, formal, efetuado por um presbitério ou qualquer colégio presbiterial para conferir graça interna com qualificação para o serviço do ministério evangélico. Registram-se, todavia, passos definidos a indicarem um *reconhecimento* formal pela imposição das mãos sobre aqueles que já haviam dado provas de sua qualificação espiritual.

a. *Os sete, que são hoje, geralmente, chamados diáconos.* Os apóstolos sugeriram: “Escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria...” “A Igreja reconheceu em Estevão, “homem cheio de fé e do Espírito Santo”, em Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Parmenas e Nicolau, prosélito de Antioquia, as qualidades indicadas pelos apóstolos. Nada havia, portanto, a acrescentar-lhes. Satisfeita, assim, a solicitude apos-

tólica, elegeu a Igreja aqueles sete ilustres varões, apresentando-os em seguida aos apóstolos — órgãos da revelação divina — para deles saberem como proceder daí em diante. Os apóstolos impuseram as mãos sobre os escolhidos, como simples reconhecimento formal de suas qualificações espirituais, pelo testemunho antecipado da Igreja, sem haver nisto qualquer vislumbre ao menos, de pretensão de transferência de qualquer carisma. (21)

b. *Os primeiros missionários reconhecidos formalmente.* A vocação de Barnabé e de Saulo, veio do Espírito Santo, que disse: “Separaí-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, impondo sobre eles as mãos, os despediram. Quem eram aqueles ÊLES que estavam servindo ao Senhor e jejuando? A Igreja e os cinco profetas e mestres ou só estes? A resposta a esta inquirição divide os sábios das Escrituras. O tempo e o espaço não nos permite delongas em citações, além de que, não somos afetados aqui pela questão de *quem*: uns, outros, ou todos. O que nos importa é a imposição das mãos, e isto aqui também, foi simples formalidade em piedosa e pronta obediência ao Espírito Santo, tenha sido pela Igreja só ou por ela e seus ministros, ou ainda somente por estes.

c. Paulo ordena a Tito, constituir presbíteros em cada cidade sem qualquer referência às mãos.

d. Nas duas Epístolas a Timóteo, Paulo fez referência ao emprego das mãos:

1.º "...o dom que ti foi concedido mediante profecia, com imposição das mãos do presbitério". (22)

2.º "...o dom de Deus, que há em ti pela imposição de minhas mãos". (23)

3.º "A ninguém imponhas precipitadamente as mãos. Não te tornes cúmplice do pecado de outrem. Conserva-te a ti mesmo puro". (24)

Nos primeiro e segundo casos, parece que "*o dom de Deus*" foi reconhecido formalmente duas vezes: por um presbitério e por Paulo, separadamente — caso igualmente *sui generis*, mas não de todo inusitado no N.T., visto como o mesmo Paulo recebeu duas vezes imposição das mãos.

De I Tm. 4:14, diz o "The Expositor's Greek Testament": "O carisma era dado por Deus; neste caso particular, a formal e solene apropriação de seu uso foi acompanhada pela indicação de profecia dirigida ao ouvido e pela imposição das mãos dirigida aos olhos." (25) "*Acompanhado*" e não *acompanhando*. Primeiro a comunicação do dom de Deus, depois a imposição das mãos. Paulo adverte a Timóteo a "combater o bom combate", firmado nas profecias de que antecipadamente

"fôste objeto". (26) O Apóstolo exorta ainda o seu "filho" a cumprir cabalmente seu ministério, que era "o trabalho de evangelista", que certamente era o carisma recebido. (27) Este não vem por imposição de mãos, pois é dito expressamente que é "dado por Deus". (28)

Casos como a descida do Espírito Santo após a imposição das mãos referem-se a assunto que não está compreendido neste trabalho, e Hebreus 6:2, a referência é a qualquer ocasião em que se impõe as mãos e não expressamente que é "dado por Deus". (28)

Casos como a descida do Espírito Santo após a imposição das mãos referem-se a assunto que não está compreendido neste trabalho, e Hebreus 6:2, a referência é a qualquer ocasião em que se impõe as mãos e não expressamente à ordenação.

No terceiro caso: "A ninguém imponhas precipitadamente as mãos" não se refere à ordenação, mas provavelmente, à restauração de um pecador arrependido. (29)

Cabe aqui, ainda que de passagem, simples lembrete, que é de esperarmos que os batistas jamais empreguem o vocábulo *ordenação* na consagração de ministros. Ordenação como um rito religioso por imposição de mãos não aparece no N.T. Seu uso neste sentido, aliás procede do latim post-Agos-

22) I Tm. 4:14.

23) II Tim 1:6

24) I Tim 5:22

25) Vol. IV. Pg. 126.

26) I Tm. 1:18.

27) II Tim 4:5

28) Ef. 4:11.

29) The International Standard Bible Encyclopaedia

tinho, de *ordinare* e portanto desconhecido dos escritores canônicos. (30)

III. ORDENANÇAS

Batismo e Ceia do Senhor, são as únicas ordenanças dadas à Igreja por Jesus, e a Igreja é a guardiã delas e por elas a única responsável. Foi Ele quem disse: "Ide... batizai", havendo ordenado anteriormente, ainda em Sua encarnação, na instituição da Ceia, dizendo: "Fazei isto em memória de mim". Quanto à imposição das mãos sobre a cabeça do batizando, é um rito apenas de reconhecimento público de que a pessoa em apreço *já foi batizada no Espírito Santo* e já faz, por isto mesmo, parte do Corpo de Cristo. (31). Contudo, tal reconhecimento público, não significa *ipso facto*, estar o batizando em água realmente batizado no Espírito Santo, e portanto, salvo. Tais são os casos de Judas, de Ananias e Sáfira, em Jerusalém e provalvemente, de Simão de Samaria. Quem poderia afirmar que fulano ou cicrano estejam realmente salvos? Só a própria pessoa e Deus o sabem. Certamente o candidato ao batismo se torna aceitável à profissão de fé perante a Igreja, pela vida transformada que vive agora. Professora a fé perante a Igreja e esta ordena seu batismo que o ministro realiza. Uma igreja pode autorizar — e só ela o pode — a qualquer de seus

membros realizar batismo ou administrar a Ceia do Senhor. Para isto não é mister que o celebrante seja consagrado pelas mãos de um presbitério. Temos no N.T. (ignoramos se Ananias que batizou a Paulo era ministro consagrado por um prebistério) e na história dos Batistas aqui e alhures, exemplos que justificam nosso assérto. Contudo, não há conveniência que uma igreja use de seus direitos e sem motivo extremo, realize tais cerimônias pelas mãos de qualquer um de seus membros. A "Ordem e Decência" de autoridade paulina, parece convirem aqui.

Quanto à sacramentalidade atribuída por católicos e protestantes seus herdeiros nisto, às ordenanças não há fundamento novotestamentário, e igualmente escapa, particularmente, de nosso propósito. O erguer das mãos pelo ministro na chamada "Benção Apostólica", é mero símbolo de súplica a Deus, e ao baixá-las, expressa a esperança de haver obtido a bênção pedida.

Conclusões

Do que fica dito, verificamos:

1. É Deus quem primeiro se refere à mão nas Escrituras.
2. De todos os órgãos ou membros do corpo humano utilizados pela Bíblia simbolicamente, a mão tem a primazia.
3. O uso da mão simbolicamente, vem já dos patriarcas.
4. No primeiro holocausto em Israel consagrado a Deus, a mão teve prioridade no ritual e não foi imposta por ministro consagrado.

30) Idem

31) I Co. 12:12-13.

5. A tribo de Levi foi consagrada a Deus, como tribo sacerdotal, pela imposição das mãos de todo o Israel. Verdadeiro ato popular, democrático.

6. Na consagração de Arão — o primeiro sumo-sacerdote — o óleo da unção substituiu o emprêgo das mãos.

7. O emprêgo das mãos na bênção era uso vulgarizado em Israel e Jesus não faz exceção.

8. Os apóstolos não foram consagrados pelo uso das mãos.

9. Jesus soprou o Espírito Santo sobre os apóstolos, coletivamente, e não individualmente.

10. O primeiro ato simbólico eclesiástico no uso das mãos pelos apóstolos, foi na escolha dos sete para “o serviço das mesas”.

11. Paulo e Timóteo, cada um por seu turno, receberam dupla imposição das mãos.

12. Não há no N.T. o menor vislumbre de comunicação de dons carismáticos pela imposição das mãos.

13. A imposição das mãos é um símbolo de reconhecimento público de um dom já existente conferido por Deus e jamais uma ordenação em qualquer sentido. Se houvesse alguém neste mundo que

pudesse ordenar outrem para o serviço de Deus, seria a Igreja e jamais um presbitério ou um colégio presbiterial.

14. Na impetração da chamada bênção apostólica, a elevação das mãos expressa simbolicamente o desejo de que a oração suba a Deus e de lá se confirme a bênção almejada.

Reafirmamos aqui nossa esperança de que os batistas jamais caricaturarão o lindo vocabulário bíblico com a introdução de termos sem termo autorizado pelas Escrituras Sagradas, termos que, geralmente, como uma espuma, começaram a flutuar apenas nos albores, ou melhor, no início das trevas que obscureceram o mundo nos 15 séculos da era medieval. Dizemos, por outro lado, que é com grande pesar que vemos e ouvimos palavras bíblicas de sentido definido e inalterável, substituídas por outras que não são outras, mas simples corrupção vocabular do Livro de Deus. Outras, ainda, com sentido alterado pelo uso errôneo, são empregadas de modo solerte e inusitado. Tais cousas são como a morte que estava na panela de verduras do rancho de profetas de Elizeu.

A Ordenação na Igreja Católica

ANTÔNIO GONÇALVES PIRES

CONCEITO DA ORDENAÇÃO

A Igreja Católica dá à ordenação um sentido peculiar, consensual com a doutrina, que professa, sobre a salvação pelos sacramentos e pela missa, cuja administração e celebração reserva para os membros do clero. Ela chama Ordem ao grupo de homens, distintos dos leigos, que são destinados a exercer funções sagradas. É a hierarquia de ordem e de jurisdição (1). Chama ordem à dignidade ou estado de pessoas, deputadas para exercer essas funções, e portadoras de um poder, que é permanente em quem o recebeu. Podem ser proibidas de exercer tal poder, mas, se transgredirem a proibição, os atos praticados são plenamente válidos, porque dimanam do CARÁTER da ordenação, que é inauferível. Ordenação, propriamente dita, é o ato transitório pelo qual se concede a alguém o poder da ordem. Quem recebe a ordenação entra na classe clerical, considerada distinta, por direito divino, da classe dos leigos (2). A Igreja Católica sustenta que bispos, presbíteros e diáconos

pertencem à Hierarquia de Ordem por direito divino e que os outros graus são de origem eclesiástica (3), porque a Bíblia e os Padres Apostólicos não falam deles. A partir do séc. III esses graus foram aparecendo aqui e acolá, instituídos agora, suprimidos depois e finalmente introduzidos em toda a parte.

O SACRAMENTO

Para a Igreja Católica a ordenação é um dos sete sacramentos, pelos quais substituiu as duas ordenanças — Batismo e Ceia, instituídas por Jesus Cristo. Os teólogos católicos não conseguem descobrir na Bíblia provas de que a ordenação é sacramento. Como os melhores textos invocados (2 Tim. 1:6-7 e 1 Tim. 4:14) não apoiam esta tese, interveio o poder supremo do Concílio de Trento, transformando a hipótese em dogma de fé. Ele definiu: "Se alguém disser que a ordem ou ordenação sagrada não é verdadeira e propriamente um sacramento, instituído por Jesus Cristo, seja anatematizado" (4). O concílio

1) Cat. Rom. 2, 7, 9.

2) Codex Juris Canonici, can. 107.

3) Can. 108 § 3; Conc. Trid., *Denz.* 966.

4) Conc. Trid., s. 23, can. 3 — *D.* 963.

Tridentino teve a preocupação de condenar tudo quanto os reformadores afirmavam e proclamavam dogma de fé tudo quanto os reformadores negavam. Como eles sustentavam a consoladora doutrina do sacerdócio universal e espiritual dos crentes e negavam a hierarquia de ordem, os padres tridentinos proclamavam que a ordenação é um passe de mágica, capaz de revestir os homens de poderes inalienáveis. Aplicaram 1 P. 2.9 e Apoc. 1.6 ao batismo infantil, que assimila a criança a Jesus Cristo e a transforma em rei e sacerdote (5).

Raciocinam assim: Sacramento é um sinal sensível, instituído permanentemente por Jesus Cristo, para significar e produzir a graça. Ora, na ordenação há sinal sensível (a imposição das mãos e a entrega dos instrumentos), eficaz para produzir a graça (como aconteceu com Timóteo) por si mesmo, ou *ex opere operato*, instituído por Jesus Cristo, porque só Ele pode dar a graça, até ao fim do mundo, porque sempre haverá quem diga missas, ouça pecadores na confissão auricular para lhes perdoar os pecados, etc.

A aplicação dos recursos infinitos da sofística estudada a sério no curso filosófico dos seminários católicos, é insuficiente para dar aparências de verdade a este argumento. O caso de Timóteo foi pessoal, nem pode generalizar-se aos outros bispos, que nenhum

dom receberam “por profecia”, nem foram ordenados por ministros do gabarito de Paulo. Até agora ainda não apareceu nenhum teólogo que provasse que a ordenação é sacramento, nem aparecerá jamais. A Bíblia nega que a ordenação seja sacramento. A Tradição, mesmo que por hipótese dialética, se admitida como fonte de Revelação, não tem qualquer texto autêntico dos Padres da Igreja, que justifique a teoria sacramental. Mas os católicos são obrigados a inclinar-se perante a definição do Concílio de Trento, sob pena de serem tratados por excomungados, herejes (seguidores de doutrina condenada) e apóstatas (negadores da doutrina, que em outro tempo admitiram).

Ao anátema do Concílio de Trento já a Bíblia havia oposto o anátema de Deus, fulminando contra quem ensinasse “outro Evangelho” (Gal. 1.8). O sacramento da Ordem é “outro evangelho”, que leva em seu bôjo a teoria humana e falsa da salvação pelos sacramentos e pela mediação de homens pecadores.

Nem Pio XII conseguiu provar que Jesus Cristo “instituiu um sacerdócio visível” (6). Ainda hoje os teólogos da Igreja Católica confessam que não sabem quando nem como Jesus Cristo determinou o rito pelo qual os Apóstolos ordenariam bispos e clérigos. Os mais ousados opinam que o teria feito depois da ressurreição, falando du-

5) Cat. Rom. 2, 7, 22.

6) Enciclica Mediator Dei, n.º 2.

rante quarenta dias “das coisas concernentes ao reino de Deus” (At. 1:3), mas está interpretação elástica não se condiz com o conteúdo claro de todo o Novo Testamento. Restringem a índole sacramental ao episcopado, ao presbiterado e ao diaconado. Dizem que o episcopado deve ser sacramento, porque, no caso contrário, não se compreenderia como a igreja católica sempre reconheceu a validade das ordenações, feitas por bispos excomungados e degradados. Recentemente o sr. Salomão Ferraz foi admitido como bispo católico, não obstante ter sido ordenado pelo sr. Carlos Costa, bispo de Maura, quando já estava excomungado e degradado, como hereje.

OS GRAUS DA ORDEM

A Igreja Católica dividiu as ordens em maiores, ou sacras, e menores. Considera-se ordens sacras: presbiterado, diaconado e subdiaconado. Do episcopado diz que é plenitude do sacerdócio, porque tem capacidade de ordenar outros.

As ordens menores são: ostiário, leitor, exorcista e acólito.

Diz que a ordenação confere poderes perpétuos; que jamais podem ser cassados, muito embora o seu exercício possa ser proibido pelas censuras canônicas isto é, excomunhão, suspensão, interdito pessoal ou local, redução ao estado laical e degradação.

Os teólogos são unânimes em

afirmar que se um padre, ferido por uma dessas penas ou censuras, pronunciar as palavras da consagração (*hoc est enim corpus meum* — porque isto é o meu corpo; *hic est enim calix sanguinis mei* — porque isto é o calix de meu sangue) sobre todo o pão de uma padaria ou sobre todo o vinho de uma adega, esse pão e esse vinho são transubstanciados, isto é se convertem automaticamente no verdadeiro corpo, sangue, alma e divindade de Jesus Cristo, tão real e verdadeiramente como está nos Céus.

Esta aberração doutrinária é consequência fatal da teoria sacramental sobre a ordenação e a eucaristia. Divulgam-na para incutir no ânimo do povo maior respeito pelo padre, que o será até no inferno, e para coagir o padre a obedecer servilmente ao bispo, sem discutir a origem nem a amplitude do seu suposto poder.

O cardinal P. Gasparri, porta-voz autorizado do Vaticano, onde dominou por longo tempo, escreveu que “é muito provável, para não dizer certo, que as ordenações inferiores ao diaconado não são sacramento (7).”

O Concílio Florentino disse que esses graus foram destacados do diaconado (8).

A Igreja Católica Grega, em todos os seus ritos, jamais considerou esses graus como integrando o sacramento da ordem.

PRIMA TONSURA

O leigo entra no estado clerical

7) Gasparri — De Sac. Ordinis, 1.41.

8) D. 701.

pela Prima Tonsura, que é o ato pelo qual o bispo, usando de tesouras, lhe corta uma madeixa de cabelo da cabeça. Depois deve fazer periodicamente a COROA, que vai aumentando por cada grau de ordem, que recebe. Na Idade Média, quando os moços seculares se armavam cavaleiros com veladas de armas e homenagens a damas reais ou imaginárias, a Igreja Católica introduziu o costume de incorporar os seus clérigos na milícia eclesiástica compelindo-os a sacrificar a cabeleira à divindade. A tonsura nas ordens mendicantes (franciscanos, dominicanos, carmelitas etc.) abrange quase toda a cabeça.

A coroa é o símbolo da realeza divina, que os clérigos devem exercer sobre todos indivíduos, de qualquer categoria, mesmo que sejam supremos magistrados das nações. Fomenta poderosamente o orgulho de classe e serve de estímulo aos clérigos das terras pequenas para se arrogarem o direito de dispor de tudo e de todos. Julgam-se detentores de uma realeza inalienável, vinda de Deus, através do papa e do bispo, que o representa.

Pelos cânones da Igreja Católica, sancionados outrora por muitos governos e hoje ainda reconhecidos por alguns, o clérigo, tonsurado, goza de privilégio do cânon (ninguém lhe pode bater, sob pena de incorrer automaticamente em excomunhão) e de fôro, não podendo ser demandado perante a justiça oficial, cabendo apenas ao bispo o direito de o julgar. A História da Europa e das nações da América Latina está repleta de incidentes

e conflitos entre os governos e os chefes da Igreja Católica, porque estes sempre defenderam os clérigos criminosos, ao passo que aqueles pretendiam que a justiça fosse igual para todos.

É longa a lista de indivíduos, que receberam Prima Tonsura para poderem praticar a libertinagem impunemente.

Antes de conferirem a Prima Tonsura, os bispos organizam para cada candidato um processo DE GÊNERE, destinado a excluir os descendentes de pessoas desafetas ao catolicismo e os descendentes de judeu, mouro e hereje. A segregação racial atinge, hoje, em quasi todos os bispados, os indivíduos de cor.

Desde 1918, quando foi promulgado o Codex Juris Canonici, só são tonsurados estudantes de Teologia. Até então eram tonsurados os que iniciavam os estudos do curso ginasial nos seminários católicos. Eu fui tonsurado aos 14 anos, quando mal sabia o catecismo e nunca tinha visto a capa de uma Bíblia.

OSTIÁRIO — É o primeiro grau de ordens menores, que o bispo, confere ao tonsurado, mandando-lhe tocar nas chaves do templo. As funções do ostiário são abrir e fechar as portas do templo, fiscalizar quem entra e sai e tocar os sinos.

LEITOR — Ao conferir esta ordem menor, o bispo manda o ostiário tocar no missal, como indicação de que pode ler no templo os livros, que o padre escolher. Antigamente os leitores eram também cantores de hinos no culto.

Durante séculos os cantores da Capela Sixtina, no Vaticano, eram leitores castrados e a operação servia para que conservassem, mesmo em idade adulta, o timbre de voz infantil.

EXORCISTA — Por êste grau de ordens menores, o clérigo fica capacitado para ler os exorcismos sobre possessos. Como os demônios foram sempre desobedientes e muitas vêzes pregaram peças aos exorcistas, lançando-lhes em rosto publicamente, faltas, cometidas em segredo, a Igreja Católica, mantendo, muito embora, a ordenação, veda a quem recebe o seu exercício. Ainda hoje nenhum exorcista pode exercer a sua ordem, sem licença escrita do ORDINÁRIO da diocese, a quem é imposta a obrigação de ser parco e cauteloso na concessão da autorização de entrar em conflito com possessos.

ACÓLITO significa aio, empregado que acompanha o patrão, para lhe prestar serviços. O ordenado de acólito deve acender e apagar as velas, servir a água para que o padre lave as mãos na missa, compor-lhe a roupagem dos paramentos antes e durante a missa, etc. A Igreja Católica, pela administração desta ordem, transplantou para o cenário religioso a magnificência dos seculares poderosos, servidos pelos seus empregados nos atos vulgares da vida quotidiana.

O **SUBDIACONADO** na Igreja Católica Oriental continua a ser ordem menor, mas na igreja romana é ordem sacra.

Despida a sobrepeliz, que é a veste dos minoristas, o candidato

a Subdiacono veste a alba branca e comprida e deita-se no pavimento do templo. Assume a obrigação de ser celibatário por toda a vida e de recitar diariamente o Breviário, em que todos os Salmos são recitados em cada semana, juntamente com hinos, orações e textos que relatam a vida do santo de cada dia do ano.

Com êste duplo encargo vitalício, o subdiacono não recebe, no entanto, qualquer função lespecífica. Apenas pode acolitar nas missas solenes, ajudando o diácono e cantando a Epístola. Na sua maliciosa gíria, o clero de Portugal diz que o subdiácono tem a “reza de bispo e renda de pisco” Tem de recitar o mesmo Breviário dos bispos, mas sem qualquer remuneração. O pisco é um pequeno passáro, que se alimenta das sobras dos outros pássaros.

O **DIACONADO** é tido por sacramento. Os teólogos da Igreja Católica, não sabendo quando nem como Jesus instituiu, preferem a opinião de que deu aos bispos o poder de desmembrar da plenitude do seu sacerdócio o presbiterado e o diaconado.. O bispo, quando ordena o diácono, entrega-lhe o livro dos Evangelhos, simbolizando a capacidade de pregar, mas nenhum diácono nem padre pode pregar, sem receber especial faculdade do ORDINÁRIO da diocese.

Na ordenação do diácono, mesmo que estejam presentes outros padres, só o bispo faz a imposição das mãos e a oração ritual.

DIACONISAS — Por longo tempo a igreja católica ordenou diaconistas, encarregadas de assistir as

mulheres no batismo, guardar as portas dos templos por onde entravam as mulheres e acompanhá-las, quando precisassem de falar com o bispo e os clérigos (9). A sua ordenação era feita pela imposição das mãos, com a invocação do Espírito Santo (10). À medida que se foram organizando as ordens de Freiras, as diretoras dos conventos passaram a substituir as diaconistas.

PRESBITEROS — Os teólogos católicos confessam que Jesus Cristo não instituiu diretamente esta ordem, mas teria dado aos bispos o poder de a instituir, com pessoas que participam das atribuições deles. O bispo é superior ao presbítero, porque só êle é o ministro ordinário do crisma e da ordenação. Há, no entanto, três bulas papais do sec. XV, conferindo a abades da ordem de Cister e de S. Agostinho o privilégio de ordenar, mesmo presbítero, os seus subalternos. Também há padres autorizados a crismar. A ordenação dos presbíteros é, na Igreja Católica, um sacramento. Pio XII estabeleceu matéria e formas distintas para a ordenação do bispo e do padre, porque as considerava sacramentos distintos. Na ordenação do presbítero há várias imposições de mãos, mas só a primeira é essencial. O bispo entrega ao ordenando a estola e a casula da missa e unge-lhe as mãos com óleo. Entrega-lhe o calix com vinho e a patena com a hóstia, para que possa dizer missas. Desde êsse

momento a missa da ordenação é feita em concelebração, porque os ordenandos pronunciam com o bispo ordenante tôdas as palavras do missal.

A ORDENAÇÃO DE BISPOS é feita por outro bispo, assistido obrigatoriamente, ao menos por dois colegas. É imposto sobre a cabeça do ordenando o livro dos Evangelhos; aberto, e os teólogos mediáveis consideram êste ato como essencial para a validade da ordenação.

OS INSTRUMENTOS na administração de cada grau de ordem, o candidato é obrigado a tocar nos instrumentos rituais e por êsse toque recebe o caráter sacramental.

A FORMA ESSENCIAL da ordenação consiste nas palavras que o bispo ordenante profere, lendo-as pelo **PONTIFICALE ROMANUM**, ao impor as mãos.

SUJEITO DA ORDENAÇÃO Só pode ser ordenado quem:

- a) fôr do sexo masculino .
- b) tenha sido batizado.

Por isso os escritores católicos reagem contra a verdade histórica da existência da Papisa Joana (papa João VIII), cuja ordenação foi nula.

Podem ser ordenados válidamente os que ainda não tenham alcançado o uso da razão, e os dementes, mas quando chegarem aos 16 anos ou ficarem curados da demên-

9) Epifânio, Adv. Haer. 79,3.

10) Const. Apost. 8, 19.

cia devem declarar se preferem viver clericalmente ou no estado laico.

MINISTRO DA ORDENAÇÃO
é só o bispo. Excepcionalmente, por concessão dos canones (can. 951) ou por privilégio podem alguns padres conferir ordens menores e Prima Tonsura.

COROAÇÃO PAPAL

O papa entra oficialmente no exercício das suas funções pela coroação. Este ato, muito embora, seja revestido de pompa desusada, não é considerada ordenação, nem confere ao coroado qualquer poder de ordem, que recebeu quando foi ordenado bispo.

OS CARDIAIS E OS CÔNEGOS

Tem o papa o seu senado de cardiais e os bispos são assistidos pelos cônegos, mas as solenidades com que uns e outros são empossados nos seus cargos não são ordenação.

PROFISSÃO RELIGIOSA

Os homens e as mulheres que fazem votos nas ordens e nas congregações religiosas da Igreja Romana submetem-se a cerimonial complicado, deitam-se no pavimento, recebem hábito peculiar que usarão por toda a vida, muitos mudam de nome, fazem votos de obediência, pobreza e castidade, mas tudo isto é puro ritualismo e não é considerado ordenação.

É Bíblico a Consagração de Mulheres?

R. P. SHEDD

O debate sôbre a posição que a mulher deve ocupar no serviço do Senhor muitas vezes gera mais calor do que luz. Assim acontecerá com esta pequena contribuição se não guardarmos bem claro na mente os limites de nossa autoridade nas Escrituras. Do ponto de vista bíblico podemos chegar a uma conclusão sôbre a ordenação de mulheres ao ministério da igreja; porém se procurarmos uma solução viável para a grande falta de obreiros, é possível chegar à posição oposta como já aconteceu em várias denominações (inclusive a Igreja Presbiteriana de Canadá que recentemente começou a consagração de mulheres ao ministério).

O Serviço Religioso da Mulher no Antigo Testamento

Em contraste marcante com outras culturas do oriente médio, a mulher israelita dos tempos bíblicos teve uma dignidade muito acima daquela verificada no maometanismo ou no judaísmo rabínico. Encontramos Ana no templo orando (1 Sam. 1:9ss.) e mulheres em geral tiveram livre acesso às testas e sacrifícios (1 Sam. 1:1-4; 2:19; Jz. 13:20). Aparecem nos côros de celebração das grandes

vitórias e nos tempos de regozijo nacional (Ex. 15:20; 1 Sam. 18:6) como também no culto do templo (Ed. 2:65; Sl 68:11).

No Antigo Testamento houve ocasionalmente profetizas como Miriã (Êx 15:20; ver Núm. 12:2, "Porventura tem falado o Senhor sômente por Moisés? Não tem falado também por nós?"). Débora, além de ser juíza também é denominada de "profetiza" (Jz. 4:4). No tempo de Josias no ano 622 A.C. quando foi encontrado o Livro da Lei, o rei mandou os líderes do culto consultar o Senhor acêrca dêsse livro. A consulta se realizou por intermédio de Hulda a profetiza e a mensagem vinda da parte do Senhor por ela, comparava favoravelmente com qualquer mensagem profética no Antigo Testamento (cf. 2 Rs. 22:16-20 e 2 Cr. 34:22-28). Mas é claro que uma profetiza em Israel era relativamente rara. Não se encontravam entre "os filhos dos profetas" (uma espécie de sociedade ou comunidade profética e ministerial, 1 Sam. 10:5, 10; 19:18; 2 Rs. 6:1-7). Joel declara triunfantemente que os dias virão em que "vossos filhos e vossas filhas profetizarão" (2:28), o que se cumpriu no dia de Pentecostes (cf. At. 2:28) no qual tanto mulheres como

homens foram batizados pelo Espírito Santo e falaram mensagens vindas do Senhor (cf. At. 1:14; 2:1-4).

A Posição da Mulher no Período do Novo Testamento

Ao examinarmos a posição da mulher no Novo Testamento deparemos com uma surpreendente proeminência da parte do sexo feminino, especialmente no que tange à vida de Cristo. Pondo de lado a importância de Maria e Isabel, a profetiza Ana dando todo seu tempo ao serviço do Senhor no templo anunciou a vinda de Cristo como a esperada “redenção de Jerusalém” (Lc. 2:36-38). Foram as mulheres que na maior parte sustentaram o Senhor junto com os Seus discípulos, o que não era invulgar nessa época, sendo que mulheres às vezes contribuíram em grande parte o sustento dos rabinos (cf. Plummer, *Luke* (ICC) sôbre 8: 1-3). Imparcialmente Jesus operou milagres a favor de mulheres e homens. Maria e Marta foram ambas particularmente favorecidas com o amor e elogio de Jesus (Lc. 10:38-42; Jo. 11:5; Mc. 14:9).

Na era apostólica foi para a casa de Maria, Mãe de João Marcos que Pedro foi para encontrar-se com a igreja orando em Jerusalém (ainda que Tiago e os irmãos estivessem ausentes, At. 12:12-17). Lídia de Filipos foi a primeira crente de Europa; provavelmente a igreja se reuniu em sua casa (At. 16:14, 15). Mas tarde outras mulheres de Filipos são designadas por Paulo como aquelas que “jun-

tas se esforçaram comigo no evangelho” (Fp. 4:2, 3). Priscila é mencionada antes de seu marido no relato da mais completa instrução do cristianismo oferecida para Apolo (At. 18:26). É notável no último capítulo de Romanos que haja pelo menos nove mulheres recomendadas pelo Apóstolo pelo seu serviço (v. 1), cooperação (v. 3), trabalho (vv. 6, 12), cuidado materno (v. 13) e cooperação junto com os maridos nas reuniões das igrejas nas casas (v. 15).

Dons e Ofícios de Mulheres no 1 Novo Testamento

Não encontramos qualquer mulher entre os Apóstolos (a não ser que “Júnias” em Rm. 16:7 seja mulher; o gênero do nome é desconhecido). Nem se encontra qualquer milagre atribuído à u’a mulher no Novo Testamento. Nenhum livro do Novo Testamento foi escrito por mulher (a não ser que atribuamos a Epístola aos Hebreus a Priscila segundo a opinião de Harnack sem qualquer evidência sólida). Já notamos que a profecia foi compartilhada por ambos os sexos no dia de Pentecostes (At. 2:18) e é este o dom que Paulo afirma ter o primeiro lugar (1 Cor. 14:2; compare 1 Cor. 11:5 onde é assumido que ambos os ministérios de oração e profecia são prestados igualmente por mulheres e homens, ainda que a mulher precisa sempre estar coberta de veu em tal ocasião). Mais adiante somos confrontados por uma restrição: “Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permi-

tido falar" (1 Cor. 14:34). A palavra traduzida por "falar" é *lalein* que possivelmente não se refere à profecia ou à oração. Pode ser que não passe de interditar a confusão de palavreado ôco dentro do culto ou perguntas feitas em voz alta na igreja que devem ser feitas em casa. É igualmente possível que Corinto com suas 1.000 prostitutas sagradas no culto de Afrodite era um caso especial provocando assim a urgência do Apóstolo em preservar a modéstia das mulheres crentes.

Ainda uma outra razão para a restrição das mulheres em geral se relaciona ao perigo de pôr de lado a necessidade absoluta da submissão da esposa a seu marido (1 Cor. 14:34, 35; cf. Ef. 5:22; Col. 3:18). É verdade que em Cristo as velhas distinções e classes sociais acabam por princípio: "Dessarte não pode haver... nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo" (Gal. 3:28). Porém mesmo assim Onésimo o escravo fugido e convertido é mandado de volta para seu mestre (Fm. 12) e as esposas são advertidas a continuarem sujeitas aos seus maridos (1 Ped. 3:3-6), assim preservando a ordem original da criação: "...Cristo o cabeça de todo o homem e o homem o cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo" (1 Cor. 11:3).

*Devem Mulheres ser
Consagradas ao Ministério?*

Como já notamos na Igreja neotestamentária os ofícios de apóstolo e presbítero como também mestre-

pastor foram restringidos aos homens. Era o invariável costume da sinagoga judaica que os presbíteros fossem homens. No 5.º século é notado como sinal de desgraça que hajam mulheres servindo os altares como sacerdotes indicando que fôsse uma inovação.

Por outro lado, quanto à profecia já vimos que tanto no Antigo Testamento como no Nôvo, não havia qualquer preconceito ou condenação pelo exercício dêste dom da parte do sexo feminino. Em Cesaréia, Filipe o evangelista, teve quatro filhas virgens que profetizaram (At. 21:8, 9). Mas a profecia é um dom carismático e não um ofício; é um privilégio concedido pelo Espírito soberano de Deus, não uma posição de liderança a qual u'a mulher pode ser eleita pela igreja. Conseqüentemente Paulo escreve para Timóteo: "E o que da minha parte ouviste... isso mesmo transmite a homens fiéis e idôneos para instruir a outros" (2 Tim 2:2). Numa carta anterior êle tinha proibido que a mulher ensine ou exerça autoridade sôbre o marido (1 Tim. 2:12). São os homens que têm a responsabilidade de dirigir a Igreja para ensiná-la na posição de pastôres e mestres (Ef. 4:11, 12). O ministério da mulher será melhor sucedido no lar na "missão de mãe" se ela criar os filhos em fé, amor e santidade (1 Tim. 2:15). A experiência indica que fora dos casos de profetizas, a denominação ou igreja que precisar colocar u'a mulher a testa do trabalho como pastora consagrada está em declínio. Talvez não é por acaso que

no Apocalipse é uma profetiza falsa, a mulher "Jezebel" que está seduzindo a igreja de Tiatira ao pecado e também que seja uma mulher que represente "Babilônia, a grande" (Ap. 17:1ss), uma referência à capital do império perseguidor e talvez uma alusão à posterior Igreja de Roma.

Conclusão

Em conclusão nos parece evidente que não temos qualquer base na prática ou ensino do Novo Testamento para ordenação da mulher ao ministério. Por outro lado, os dons do Espírito que todo membro do Corpo (inclusive as mulheres) de Cristo tem (1 Cor. 12:6, 7, 11) devem ser exercidos para o bem estar e crescimento da Igreja. Fe-

be era diaconisa (*diakōnon*) da igreja de Cencréia, não porque foi ordenada a tal posição, mas porque tinha a vontade de servir e ajudar, não somente a Paulo mas a "muitos" (Rom. 16:1, 2).

Com "espírito manso e tranqüilo", zelosa para ocupar o dom e chamado que Deus lhe outorga, a mulher encontrará oportunidades de serviço e ensino (Priscila), hospitalidade (Marta, Dorcas, Lídia), visitação (Tg. 1:27), boa mãe e avó (Eunice e Loide) e adoração (Maria, Lc. 1:46ss.). Cumprindo seu ministério e exercendo o seu dom a mulher como as virgens sensatas (Mt. 25) receberá como todo fiel servo do Senhor o galardão da aprovação do Senhor e a "coroa da justiça" guardada para "todos quantos amam sua vinda" (2 Tim. 4:8).

Processualística da Ordenação

WERNER KASCHEL

São poucas as informações do Novo Testamento sobre o processo a ser seguido na ordenação de ministros do evangelho. Há referência à imposição de mãos e ao cuidado que se deve ter para não se imporem mãos precipitadamente sobre pessoas não qualificadas para o exercício do ministério.

Hiscox⁽¹⁾ menciona oito proposições relativas à ordenação, das quais menciono, a seguir, seis.

1. A ordenação no Novo Testamento era uma eleição para o ofício ministerial, e não uma cerimônia pública de separação para esse ofício.

3. Não há prova no Novo Testamento de que os pastores fossem introduzidos no seu ofício por um ato cerimonial de qualquer natureza.

3. A imposição das mãos não é exigida no Novo Testamento na ordenação dos ministros.

4. Se bem que um culto formal de introdução de um obreiro em determinada tarefa seja recomendável, sua falta não invalida nem sua posição nem seus atos de ministro do evangelho.

5. Os cultos de ordenação não têm uma regra fixa, desde que

não são prescritos por autoridade espiritual.

6. Toda a autoridade de eleger e ordenar o ministro reside na igreja local; o presbitério aconselha e coopera com a igreja, mas sua existência não é essencial.

Tomemos, pois, como ponto de partida, a premissa de que a cerimônia de ordenação, não sendo obrigatória, também não contraria nem o espírito nem a letra do Novo Testamento. É pois, permissível, e o processo fica a critério de cada igreja local.

No entanto, uma certa uniformidade é desejável, se bem que não obrigatória. Convém, pois, que os pastores e igrejas estudem o assunto e concordem sobre as medidas gerais a serem tomadas, para a boa ordem e a paz entre as igrejas.

Ainda outra preliminar.

A uniformidade do processo de ordenação, se bem que desejável, será de difícil consecução, dadas as diferentes circunstâncias em que se encontram as igrejas nos grandes centros, nas pequenas cidades, e no sertão. Também é preciso considerar a diversidade de

1) Edward T. Hiscox, *The New Directory for Baptist Churches* (Philadelphia: The Judson Press, 25.a impressão, 1951, ps. 344-385.

grau de cultura teológica dos candidatos, uns sem curso e outros formados em seminários.

Estas considerações explicam a razão porque sugiro maneiras diferentes de tratar casos diferentes.

Na primeira parte dêste trabalho tecerei breves considerações a respeito dos preparativos da ordenação, e depois tratarei da cerimônia em si.

Preparativos

1. A licenciatura não é bem um preparativo para a ordenação, mas merece ser mencionada, pois geralmente dentre os pregadores leigos de nossas igrejas é que Deus chama os futuros pastores.

Nos Estados Unidos é costume as igrejas licenciarem, às vezes por prazo determinado, os futuros ministros, enquanto estudam, outorgando-lhes documento em que se declara sua capacidade de pregar. Apesar de se não haver generalizado aqui essa prática, lembro-me de que a 1.ª Igreja Batista de Campinas, então sob a direção do Pastor Paulo C. Porter, me licenciou para pregar, quando ainda estudante. Hiscox, em seu *Manual Normal para las Iglesias Bautistas*, apresenta um modelo para tais cartas.⁽²⁾

2. A tarefa de separar homens para o ministério pertence à igreja local, que não pode e não deve delegá-la nem a indivíduos nem a concílios. A igreja, no temor de Deus, e sob a orientação do Es-

pírito Santo, é que descobre aqueles que o mesmo Espírito vocaciona para o exercício do ministério.

Se, pois, é a igreja que percebe a vocação do futuro pastor, a ela cabe também o dever e a responsabilidade de ordená-lo. De outro lado, o senso de vocação, por parte do vocacionado, se manifesta por um constrangimento interior pelo qual ele sente que outra coisa não deveria nem poderia fazer na vida senão pregar o evangelho. Ele não escolhe sua carreira: é escolhido para ela.

3. O candidato ao ministério pode ser membro da igreja que o chama, ou de outra. No primeiro caso não há problema: a igreja convoca o concílio e ordena o candidato. Se é convidado para ser pastor de outra igreja, esta pode pedir àquela de que é membro que promova sua ordenação.

4. Os batistas no Brasil adotam a praxe pela qual um homem é ordenado por outros homens já ordenados, organizados em presbitério, por autorização e a pedido de uma igreja local. Mas, como observa Hobbs, e isso pode causar espécie, "tem sido um costume bem batista através dos tempos consagrar por meio de concílios compostos tanto de ministros ordenados como de leigos. Desde que a igreja é a autoridade suprema no assunto, este autor é da opinião que a igreja pode ordenar um de seus membros ao ministério por meio de um concílio composto somente de leigos. Mas sem dúvida é me-

2) Eduardo T. Hiscox, *El Manual para las Iglesias Bautistas* (El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1952, ps. 150).

lhor que a igreja se conforme com os costumes prevalecentes, pois assim fazendo evitará a possibilidade de ser criticada por outras igrejas com as quais espera coopear no perfazimento da obra mais ampla do reino de Deus.”⁽³⁾

Costuma-se, por isso, pelo menos teóricamente, fazer distinção entre *concílio* e *presbitério*. No caso de leigos participarem da ordenação temos um *concílio*; no caso de apenas pastôres, um *presbitério*.

5. Em alguns casos tem havido “concílios particulares”, escolhidos a dedo pelo candidato, que por qualquer razão não deseja ser examinado por certos pastôres. Trata-se de irregularidade que deve ser sanada. Igrejas e pastôres da região devem ser todos convidados, e uma convocação publicada em “O Jornal Batista” e no órgão estadual. Se houver motivo para ser impugnado o nome de um candidato, a igreja deve ser conhecedora dele, para tomar as providências que o caso exigir.

A Cerimônia de Ordenação

Passo a comentar a seguir as particularidades da cerimônia de ordenação do candidato ao ministério.

1. O programa da reunião constará dos seguintes elementos: Culto devocional. Organização do

concílio ou presbitério, com eleição do presidente, secretário e examinadores. Arguição do candidato quanto à sua conversão, chamada, e conhecimentos de teologia e eclesiologia. (Este exame pode ser feito previamente, como se verá adiante). Votação do concílio, em secreto. Recomendação à igreja, favorável ou desfavorável à ordenação. Imposição das mãos e oração ordenatória. Entrega da Bíblia. Exortação à igreja e ao novel pastor. Bênção apostólica.

2. Quer se faça o exame conjugado com a cerimônia de ordenação, quer sejam realizados em ocasiões diferentes, o que deve caracterizar o culto de ordenação é a solenidade. Esta sofre às vezes com o exame público, que é propício à criação de um ambiente de desusada ansiedade e mesmo de “torcida”, na arguição do candidato.

3. Ao se tratar de matéria tão delicada, é conveniente observar que não temos o direito de estabelecer regras que regulem o ministério, a não ser aquelas exaradas no Novo Testamento. Os apóstolos, por exemplo, não foram escolhidos por Cristo à vista de sua cultura intelectual, mas suas qualidades religiosas, de sua piedade, honestidade e amor a Deus. Tinham diferentes dons, e se encontravam em diferentes situações culturais e sociais. Se Pedro era pescador, Paulo era doutor da lei,

³⁾ James Randolph Hobbs, *The Pastor's Manual* (Nashville: Broadman Press, 1955), p. 187. Cpl. Francis Wayland, *Notes on the Principles and Practices of Baptist Churches* (Nova Iorque: Sheldon, Blakeman & Co., 1857), p. 114.

mas ambos foram colunas fortes na igreja primitiva.

O candidato ao ministério, pois, deveria ser examinado à luz das qualificações alistadas por Paulo em I Timóteo 3:2-7 e Tito 1:6-9. Dessas duas passagens depreendemos que o ministro deve ser crente piedoso, que dê bom testemunho, que tenha o dom de ensinar, que seja sã na doutrina, e que não seja novato na fé.

Se a descoberta dos vocacionados cabe à igreja local, a ela cabe testemunhar de sua vida e de sua piedade. O concílio pode apenas aquilatar a capacidade doutrinária e julgar a experiência de vocação, quase sòmente do ponto de vista intelectual.

4. Não convém que o concílio realize no mesmo dia o exame e a cerimônia de ordenação, visto como o anúncio público da cerimônia constrangerá o concílio no sentido de tomar uma decisão favorável, mesmo, quando a prudência aconselhasse um adiamento ou até uma recusa.

O exame público é, geralmente, *pro forma*, visto como até a Bíblia já está gravada com o nome do candidato e marcada a data da ordenação. Nesse caso seria melhor dispensar o exame. O candidato narraria sua experiência de conversão e chamada, e faria breve exposição de suas convicções doutrinárias. Algum ponto obscuro poderia ser matéria de arguição por parte do concílio. Este, retirando-se, ouviria uma comissão da igreja sôbre a vida e o testemunho do candidato, e então votaria recomendar ou não sua ordenação.

Queria acrescentar ainda que se o exame público é rigoroso e o candidato vacila em alguns pontos, fica desmoralizado, pelo menos em parte, diante da congregação. E também tem acontecido que até os próprios componentes de concílios se têm exposto ao ridículo pela inoportunidade e deficiência de suas perguntas.

5. Quanto à modalidade do exame, parece-me ser mais conveniente que o candidato faça uma exposição completa, sem interrupção, de suas experiências e convicções; terminada esta, os componentes do concílio fazem as perguntas que acham convenientes, sob a direção do presidente.

6. Em lugares distantes, no interior, quando a igreja tem de arcar com as despesas de viagem e hospedagem dos componentes do concílio, o exame do candidato pode ser feito à tarde, em particular. Se aprovado, no culto da noite narrará o candidato suas experiências de conversão e vocação, e fará uma exposição de suas convicções doutrinárias.

7. Entendo, no entanto, que o exame, sempre que possível, deveria preceder de um ou dois meses a ordenação. Que fôsse mais ou menos privado, envolvendo não sòmente a experiência e os conhecimentos do candidato, mas também seu testemunho. Convém que a igreja nomeie uma comissão que assista aos trabalhos do concílio e preste as informações necessárias, não tendo, porém, direito a voto.

8. O exame de pessoas que tenham curso de Seminário deverá, naturalmente, ser mais sumário do

que o de um auto-didata, que não teve oportunidade de aprender dos mestres, nos bancos escolares, as lições da teologia.

9. Alguns colegas, poucos, querem fazer do exame algo que amedronte os candidatos ou então os apanhe em deslizos, desnudando perante o concílio ou a congregação sua ignorância. O objetivo do exame, no entanto, é mais elevado, qual seja o de descobrir se o candidato possui ou não qualificações para exercer o ministério. Questões controvertidas, sobre as quais os próprios membros do presbitério se dividem, deveriam ser evitadas.

10. Após o exame, retira-se o candidato, e o concílio, em secreto, resolve ou não confirmar a decisão que a igreja tomou de ordenar o candidato. O concílio é convocado para dar conselho à igreja, e assim o faz. Se ambas as decisões concordam, é perfeitamente dispensável nova votação por parte da igreja, que já resolvera o assunto anteriormente, dependendo apenas da palavra do concílio.

11. Poucas vezes tem havido adiamento de ordenação, mas essa medida em alguns casos será recomendável, se o examinando, por exemplo, demonstrar falta de experiência ou ignorância de nossas doutrinas.

12. Caso um concílio chegue à conclusão de que não convém consagrar determinada pessoa, a igreja, se quiser, poderá fazê-lo, pois para isso é livre e independente. Todavia tal procedimento não se recomendaria, tendo em vista a paz entre as igrejas e os pastôres.

13. A imposição das mãos tem obedecido a duas formas. A mais comum é aquela em que os pastôres presentes formam um círculo ao redor do candidato ajoelhado, estendendo cada um uma de suas mãos sobre sua cabeça, enquanto um dos pastôres pronuncia a oração de ordenação.

Também se pode pedir que o candidato se ajoelhe, enquanto um dos pastôres ora. Depois, cada um por sua vez se aproxima dêle e lhe impõe as mãos.

14. A entrega da Bíblia deve de preferência ficar a cargo da igreja que promove a consagração, a qual nomeia para tanto um de seus membros.

15. Os sermões da ocasião deveriam ser breves, constando de exortações claras, simples e diretas, tanto ao candidato como à igreja. Dispensa-se a exortação à igreja se o pastor é ordenado a pedido de outra.

16. O candidato despede a congregação com a benção apostólica, após o que lhe é estendida a mão de fraternidade, tanto dos colegas como da igreja. Tendo observado que essa parte da cerimônia, geralmente realizada logo após a imposição das mãos, quebra a solenidade do momento. Convém que seja a última parte do programa.

17. É conveniente que aqueles que vão tomar parte no programa sejam convidados com antecedência, para que se preparem devidamente para a ocasião. A escolha dos nomes poderá ser feita pelo moderador da igreja, de comum acordo com o candidato. Quando

não é assim, o concílio resolve sobre a matéria.

18. O secretário da igreja deve entregar ao novel pastor cópia da ata da cerimônia de ordenação, que servirá como prova de haver sido ordenado. Costumam as igrejas norte-americanas providenciar certificados de ordenação, cujo modelo se vê no *New Directory*, de Hiscox.⁽⁴⁾

19. Breve notícia da ordenação deve ser sempre publicada no jornal estadual e em "O Jornal Batista", para conhecimento da denominação.

* * *

Para terminar transcrevo as considerações um tanto melancólicas, mas reais, de Hiscox, sobre o valor preventivo dos concílios ordenatórios:

"A ordenação faz isto para um homem — isto, e nada mais — credencia-o perante as igrejas e o público mediante a fôrça moral implicada na aprovação e recomendação dos homens participantes no concílio e culto de ordenação. O certificado de ordenação é um testemunho à igreja e à comunidade religiosa. Também não acredito muito na alegação de que os concílios protegem as igrejas contra homens indignos, que de outra forma forçariam sua entrada no ministério. Os concílios são quase tão facilmente enganados pelos impostôres como as próprias igrejas. Provavelmente todos

os patifes e velhacos que ludibriam e destroem as igrejas passaram com sucesso nos exames dos concílios, receberam sua recomendação, tiveram mãos impostas sobre suas cabeças e saíram com suas credenciais em seus bolsos. Os presbitérios são uma fortaleza de palha contra as arremetidas de lobos vestidos de peles de carneiro, que intentam atacar o rebanho. Os concílios geralmente fazem o que se lhes pede. As igrejas mesmas deveriam ser mais cautelosas e precavidas, e possivelmente o seriam se não houvesse um concílio sobre que lançar a responsabilidade que lhes pertence".⁽⁵⁾

Conclusões

1. O assunto ordenação ao ministério deveria estar na pauta das discussões dos pastôres em seus retiros, constantemente.

2. Cabe às igrejas certificar-se, por todos os meios, e sob a liderança do Espírito Santo, se o candidato ao ministério foi ou não vocacionado por Deus para essa obra. Para isso não é preciso pressa; a observação demorada é o melhor meio de as igrejas acertarem com a vontade de Deus.

3. Da mesma forma os presbitérios devem examinar cuidadosamente os candidatos para saber, na medida do possível, se preenchem ou não as qualidades referidas pelo Nôvo Testamento para os ministros do evangelho.

4. Sempre que possível, o exame do candidato deveria pre-

4) Edward T. Hiscox, *The New Directory for Baptist Churches*, p. 592.

5) *Id.*, *ibid.*, p. 381.

ceder de vários dias, ou meses, a cerimônia de sua ordenação.

5. As Ordens de Ministros deveriam editar folheto, por elas aprovado, que servisse de orientação nessa matéria. Melhor se tal folheto fôsse preparado por iniciativa da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil.

6. Em próximas edições do *Manual das Igrejas*, do Dr. W C. Taylor, deveria ser incluído um capítulo sobre este assunto.

7. Os pastôres, apesar de serem muito ocupados, devem atender com mais prontidão os convites que lhes são feitos para participar de presbitérios ordenatórios.

Bibliografia

Harvey, H. *El Pastor*. (Trad. de Alejandro Treviño). El Paso: Casa Bautista de Publicaciones.

Hiscox, Eduardo T. *El Manual Normal para las Iglesias Bautistas*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1952.

Hiscox, Edward T. *The New Directory for Baptist Churches*. Philadelphia: The Judson Press, 1951, 25.a impressão.

Hobbs,, James Rondolph. *The Pastor's Manual* Nashville: Broadman Press, 1955.

Wayland, Francis. *Notes on the Principles and Practices of Baptist Churches*. Nova Iorque: Sheldon, Blakeman & Co., 1857.

L I V R O S

NILS FRIBERG

JOIAS DO NÔVO TESTAMENTO GREGO. Por Kenneth S. Wuest, Imprensa Batista Regular, 1966, 118 páginas, tradução do livro no original inglês *Golden Nuggets in the Greek New Testament*, Grand Rapids, Eerdmans,, 1953.

O já falecido autor dêste pequeno volume preparou os seu sessenta e dois capítulos para irradiá-los pela emissora do Instituto Bíblico Moody, WMBI, em Chicago, sendo mui apreciado professor daquela famosa instituição.

Por razão óbvia, conseqüentemente, êsses estudos exegéticos são de linguagem simples e dirigem-se aos leigos. Há material farto para sermões e lições práticas da Escola Dominical. Os assuntos tratados abrangem uma variedade que desafia a descrição. A Imprensa Batista Regular faria bem se publicasse outros livros dos que o Sr. Wuest produziu, que somam a mais de uma dúzia.

MANUAL DAS IGREJAS BATISTAS.

Por Edward T. Hiscox, Imprensa Batista Regular, São

Paulo, 1966, tradução do original inglês por João Marques Bentes e W.J. Goldsmith, editado por Roberto C. Collins. (Propriedade literária da Judson Press, Valley Forge, Pennsylvania, E.U.A.).

A escassez de literatura sobre eclesiologia batista é lamentável. Torna-se entretanto estranho que a Imprensa Batista Regular tenha traduzido um livro de 1859 para preencher esta lacuna! Isto ilustra bem o problema que enfrentamos.

O volume possui 159 páginas (o original tem 600 páginas), é não uma tradução integral, pois lhe foi dada uma redação eclética, selecionando e suprimindo passagens, procurando dar à obra uma aplicação em ambiente nacional.

Os batistas de posição calvinista e que praticam a ceia restrita, apreciarão a posição do autor que é conhecido pela publicação de vários manuais de eclesiologia. A declaração de fé é a de New Hampshire de 1832, tão abreviada que não cria dificuldades, se não para alguns que querem todos os pontos nos *is* e sempre de acordo com sua interpretação particular.

No capítulo sôbre história dos batistas há uma afirmação estranha que implica na idéia de que especificamente os chamados “heres” da reforma, eram antecessores apenas dos batistas. Sentimos igualmente falta de uma definição de *anabatistas* e *batistas* propriamente ditos. Esta diferença, os batistas do século XVII procuraram sempre estabelecer para evitar confusão, tendo-se em vista a reputação pouco estimada dos primeiros.

É todavia uma obra interessante e também útil. Contém mesmo uma breve apresentação das regras de ordem para sessão administrativa das igrejas.

O BATISMO E PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO. Por John R. W. Stott, São Paulo, Edições Vida Nova, 1966. Tradução do original inglês por João Bentes do livro do mesmo título, publicado em Londres por The InterVarsity Fellowship em 1964.

Somos felizes em receber tão bela exposição, de assunto de tanta importância e atualidade, visto os muitos pontos de vista que estão surgindo em torno dele. O estudioso pároco da Igreja de All

Souls, Langham Place, em Londres, tornou-se conhecido em nossos arraiais pelo livro publicado em português, *Cristianismo Básico*, volume da mesma editôra, e revela mais uma vez que é perfeitamente possível combinar bem a intelectualidade com a dedicação espiritual.

Diversas perguntas ocupam o propósito do autor ao escrever: “Se sustentamos que todos os crentes são batizados com o Espírito por ocasião da conversão, por que a maioria parece não tê-lo sido? A plenitude do Espírito é uma experiência única e contínua? Como podemos saber se estamos cheios do Espírito? Que é o batismo do Espírito? É para todos os crentes?”

Stott apresenta os fatos bíblicos, mas conserva sempre uma atitude de reverência para com a sua matéria. Os pentecostais terão sérios problemas para ajustar a sua prática diante destes livros, mas o autor adverte: “Devemos ter cautela para nem por um lado blasfemar contra o Espírito Santo, atribuindo obras Suas ao diabo, nem por outro lado abafar o Espírito Santo, resolvendo contê-lo dentro de nossos próprios padrões fechados e tradicionais” (pág. 54).

Numa só palavra, é o melhor livro sôbre o assunto que jamais encontramos.